

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES | DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS

CONTORNOS DA IMPRESSÃO BOTÂNICA:

A RELAÇÃO ENTRE MULHERES E PLANTAS
NA PRÁTICA ARTÍSTICA E EDUCATIVA

EXPOSIÇÃO DE FINAL DE CURSO DE BETINA NILSSON
ORIENTAÇÃO PROFA LILIAN MAUS
DIAS 12 E 13/10 - DAS 10H30 ÀS 18H
GALPÃO DO ZÉ - VILA FLORES - SÃO CARLOS 753
VISITAS COM A ARTISTA A COMBINAR.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS

BETINA NILSSON

CONTORNOS DA IMPRESSÃO BOTÂNICA:
A RELAÇÃO ENTRE MULHERES E PLANTAS
NA PRÁTICA ARTÍSTICA E EDUCATIVA

Porto Alegre
2022

BETINA NILSSON

**CONTORNOS DA IMPRESSÃO BOTÂNICA:
A RELAÇÃO ENTRE MULHERES E PLANTAS
NA PRÁTICA ARTÍSTICA E EDUCATIVA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial obrigatório para a obtenção do título de Licenciatura em Artes Visuais pelo Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.

Orientadora: Prof^a Dr^a Lilian Maus

Porto Alegre
2022

CIP - Catalogação na Publicação

Nilsson, Betina
CONTORNOS DA IMPRESSÃO BOTÂNICA: A RELAÇÃO ENTRE
MULHERES E PLANTAS NA PRÁTICA ARTÍSTICA E EDUCATIVA /
Betina Nilsson. -- 2022.
117 f.
Orientadora: Lilian Maus.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Artes, Licenciatura em Artes Visuais, Porto Alegre,
BR-RS, 2022.

1. impressão botânica. 2. relação entre mulheres e
plantas. 3. feminismo. 4. metafísica das plantas. 5.
arte-educação. I. Maus, Lilian, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com
os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, dedico este trabalho em memória a meu pai, Eduardo Nilsson, que sempre elogiou minhas produções e acompanhou minhas apresentações desde criança. Dedico também a Rosemary Trein Nilsson por ser uma mãe maravilhosa e meu maior exemplo de feminismo.

Agradeço ao meu companheiro, Matheus Freire, por me acompanhar nas madrugadas e finais de semana de estudo e produção, por fazer perguntas fundamentais aos planejamentos de aula, por me encorajar em momentos chave. Também agradeço a minha irmã Bibiana Nilsson pelo grande apoio na organização e confecção desta pesquisa e pelo companheirismo vitalício. A minha “dindinha” Marlene Kircheim – que me contou a história de nossa família por parte de pai e me inspirou desde criança com a confecção de papéis reciclados. A todas as minhas familiares e ancestrais mulheres com as quais compartilho o amor e a admiração pelas plantas e que me influenciaram no desenvolvimento deste trabalho de pesquisa.

Este trabalho é nosso.

Agradeço às minhas amigas professorinhas Nickole Monfron e Renata Milheiro por dividirmos momentos cruciais nos estágios e na conclusão de curso – vocês fizeram toda diferença. A minha sogra Eneida Pires, ao meu sogro Roberto Freire, aos meus cunhados Leonardo e Ricardo, a Cecília Pires, Mônica Pires e a toda família que ganhei ao ser companheira do Matheus – pelo apoio, mimos e palavras de confiança.

Agradeço às minhas amigas do coração – Caroline Maders, Joana Rippoll, Luise Seibel, Roberta Klein, Sthefany Barbosa e Paula Oppermann – que me incentivaram a fazer essa segunda formação.

À Ana Maria Bicca, Caroline Wüppel, Roberta Zannette, Thais Duarte e Thais Valiente por me incentivarem nas artes de diversas maneiras ao longo da vida.

Agradeço às minhas amigas do curso de Artes Visuais: Aline Vargas, Juliana Gonzalez, Rodrigo Maia0,

Vanessa Drehmer e Sofia Pulgatti – e aos demais colegas que me inspiraram como artistas.

Agradeço a Onília Araújo e Letícia Vargas que primeiro me reconheceram professora.

Agradeço a Ernani Chaves, exemplo de professor-artista inclusivo.

Agradeço a Cristian Mossi, mestre com quem aprendi muito sobre docência.

Agradeço à rede do Vila Flores, lugar que me abraçou, reconheceu e me permitiu ser quem eu sou. Mais especificamente, obrigada a Alice D'Almaso, Aline Bueno, Antonia Wallig, Andrea Massena, Carolina Rothfuchs Ribeiro, Daniela Malfatti, Fernanda Soares, João Felipe Wallig, Liége Biasotto, Luana Barros, Luana Fuentefria, Marcia Braga, Maiara Dallangol, Pierre Tazzo, Raquel Leão, Renan Capitão, Ricardo Ara, Roberta Dias. Samantha Wallig, Thiago Couto, Tiago Medeiros.

Agradeço a Marcia Rosa por permitir que eu ministrasse oficinas junto ao curso de Moda & Arte.

Agradeço às mulheres que generosamente participaram das oficinas relatadas neste trabalho: Ayla Yasmin Dresch, Daniela Vigo, Juliana Pereira, Isabel Preto, Nickole Monfron, Renata Milheiro, Thais Duarte, todas as participantes do curso de Moda & Arte, e também a todas participantes da oficina teste.

A Alice D'Almeida por fotografar e gravar as oficinas com dedicação e afeto.

A Mara Lúcia B. Silva por sua generosidade e participação nesse trabalho.

A Graciella Leus Tomé pelo apoio psicológico.

A Sandra Mara Cardoso Rodrigues pelo apoio nos serviços domésticos.

A Rosa Helena Cunha Vidal pela revisão primorosa deste trabalho.

A todos meus alunos com quem muito aprendi e sigo aprendendo enquanto professora, artista e humana.

Aos meus gatos – arroz e feijão – pelo amor incondicional.

Às minhas plantas pelos ensinamentos silenciosos.

Aos meus amados orixás e seres encantados que me acompanham e me guiam nessa caminhada.

À Prof^a Dr^a Lilian Maus, por todas oportunidades e ensinamentos, por me ajudar a realizar o sonho da graduação em Artes Visuais. Às professoras da banca Aline Nunes e Daniela Kern que aceitaram com generosidade dividir seus conhecimentos e participar deste momento de crescimento e desenvolvimento de uma nova professora.

RESUMO

Esta pesquisa trata sobre a relação entre mulheres e plantas através da impressão botânica, articulando teoria e história da técnica, as práticas artísticas da autora, e a realização de duas oficinas de eco-impressão para mulheres, sendo esta última uma análise posterior sob forma de investigação narrativa. Este trabalho aborda a impressão botânica sob um ponto de vista filosófico e artístico, como uma ferramenta de subversão da lógica da hierarquia antropocêntrica e de gênero. Para a realização do estudo são analisadas duas oficinas com contextos, territórios e grupos de diferentes mulheres. Sendo uma delas dentro de um projeto de extensão universitária e a outra em um projeto social de uma organização da sociedade civil. As oficinas são guiadas não apenas para a prática artística, mas também para a reflexão das mulheres sobre si, sua história e sua relação com a natureza. Os resultados das oficinas nutrem aprendizados sobre os quais a autora reflete enquanto professora e artista. Essa pesquisa dialoga principalmente com textos e conceitos dos seguintes autores: Alice Dalmaso, Ailton Krenak, bell hooks, Emanuele Coccia, Nara Guichon, Natália Seeger, Paulo Freire, Stefano Mancuso e Veronica Gago.

Palavras-chave: Impressão botânica. Relação entre mulheres e plantas. Feminismo. Metafísica das plantas. Arte-educação.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Foto de casamento de uma tia-avó nos anos 20	12
Figura 2 – (a) Preparação dos papéis e plantas e (b) composição com folhas	13
Figura 3 – Fragmentos da obra Grinaldas da Terra (2021)	14
Figura 4 – Impressão da natureza de uma folha de Sálvia.....	26
Figura 5 – (a) Indigo Dyed Shibori Quilt e (b) Bandhani	27
Figura 6 – Exemplo plantas coletadas para impressão botânica.....	30
Figura 7 – Preparação do suporte e das plantas com Alúmen de Potássio.....	31
Figura 8 – Composição com plantas e pigmentos naturais	32
Figura 9 – Pacote de papéis amarrado para impressão botânica.....	34
Figura 10 – Exemplos de cozimento por imersão e a vapor	35
Figura 11 – Imagem de pacote recém aberto	36
Figura 12 – Imagem de pacote recém aberto	37
Figura 13 – Oficina de Desenho no Festival da Primavera do Vila Flores 2019.....	42
Figura 14 – Imagem da Oficina de Ecoprint.....	44
Figura 15 – Prints com feedbacks da Oficina	45
Figura 16 – Informações de divulgação do curso de Impressão Botânica do Jardim Botânico	47
Figura 17 – Detalhes do Jardim Botânico	51
Figura 18 – Detalhes dos preparativos da oficina	52
Figura 19 – Início da oficina.....	53
Figura 20 – Processo de coleta	57
Figura 21 – Coletas realizadas pelas participantes	58
Figura 22 – Processo compositivo das participantes.....	61
Figura 23 – Composição coletiva.....	63
Figura 24 – Conversa de encerramento	68
Figura 25 – Partilha dos processos	70
Figura 26 – Novas produções e carta do tarô das deusas	72
Figura 27 – Produções finais	73
Figura 28 – Finalização do curso.....	74

Figura 29 – Visita a exposição Reviver do grupo Moda e Arte	76
Figura 30 – Sede da AFASO	79
Figura 31 – Organização da sala da AFASO.....	81
Figura 32 – Mostras e composição.....	83
Figura 33 – Cozimento dos tecidos	84
Figura 34 – Preparação segundo dia de oficina	85
Figura 35 – Momento de abertura segundo dia de oficina.....	90
Figura 36 – Impressões Botânicas das participante	93
Figura 37 – Oficina de pintar com plantas	100
Figura 38 – Produções dos alunos de Daniela Vigo	100
Figura 39 – Ecobags produzidas com impressão botânica das oficinas.....	101
Figura 40 – Breve sùmula da sùrie Impressões.....	104
Figura 41 – Exposiçãõ Contornos da Impresso Botânica	102

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Lista de materiais do curso de Impressão Botânica do Jardim Botânico ...	49
Quadro 2 – Súmula do curso de Impressão Botânica do Jardim Botânico	49
Quadro 3 – Divulgação da Oficina de Impressão Botânica na Afaso	75
Quadro 4 – Lista de materiais da oficina de Impressão Botânica na Afaso	77
Quadro 5 – Súmula da oficina de Impressão Botânica na Afaso	78

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 PLANTAS FAZEM MUNDO	18
1.1 O MUNDO E O CONHECIMENTO SOBRE PLANTAS	18
1.2 A METAFÍSICA DAS PLANTAS	20
1.3 AS PLANTAS E SEU PODER CURATIVO.....	22
3 CONTORNOS DA IMPRESSÃO BOTÂNICA	25
3.1 O QUE É A IMPRESSÃO BOTÂNICA?.....	25
3.2 SURGIMENTO DA TÉCNICA.....	26
3.3 O PROCESSO DE IMPRESSÃO BOTÂNICA	29
3.3.1 Coleta	29
3.3.2 Escolha do Suporte	30
3.3.3 Preparação do Mordente	30
3.3.4 Composição	31
3.3.5 Amarração	33
3.3.6 Cozimento	34
3.3.7 Abertura e secagem	35
3.4 REFLEXÕES A PARTIR DA TÉCNICA	36
4 PARA ENSINAR IMPRESSÃO BOTÂNICA	40
4.1 INVESTIGAR A SI MESMO.....	40
4.2 OFICINAS COMO LABORATÓRIO DE ARTE-ENSINO	41
4.3 TESTAR PARA DECIDIR.....	43
5 OFICINA DE IMPRESSÃO BOTÂNICA NO JARDIM BOTÂNICO	47
5.1 CONTEXTO.....	47
5.2 PRIMEIRO DIA.....	50
5.2.1 Lugar	50
5.2.2 Preparativos	51
5.2.3 Experiência	53
5.3 SEGUNDO DIA	69
5.3.1 Adaptações e Preparativos	69

5.3.2 Experiência	70
5.3.3 Finalização	72
6 OFICINA DE IMPRESSÃO BOTÂNICA NA AFASO	75
6.1 CONTEXTO	75
6.2 PRIMEIRO DIA	78
6.2.1 Lugar	79
6.2.2 Preparativos	80
6.2.3 Experiência	81
6.3 SEGUNDO DIA	84
5.3.1 Adaptações e Preparativos	84
6.3.2 Experiência	86
6.3.3 Finalização	95
7 OUTROS CONTORNOS PARA IMPRESSÃO BOTÂNICA	96
7.1 REFLEXÕES A PARTIR DAS OFICINAS	96
7.2 DERIVAÇÕES A PARTIR DAS OFICINAS	99
7.2.1 Duas Aulas Sobre Impressão Botânica na Cadeira de Oficina Pictórica da UFRGS	99
7.2.2 Projeto de Estágio	100
7.2.3 Criação de Produtos Com Impressão Botânica	101
7.2.4 Seleção Para Uma Mostra Online Chilena de Fotografia Experimental	101
7.2.5 Impacto Direto Sobre a Maneira Com Que Eu Construí a Relação Com Minhas Alunas de Aquarela do Projeto 50+ Cultura	101
7.2.6 Projeto Artístico Literário “Impressões” Junto a Mara Lúcia B. Silva	102
7.2.7 Exposição	103
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	105
ANEXO – Impressões por Mara Lúcia B.	107
APÊNDICE – Termos de autorização de uso de imagem	109

1 INTRODUÇÃO

Quais são as plantas que me cercam e protegem?

Já parei para percebê-las, ouvi-las e registrá-las?

Que histórias vivi com essas plantas?

Esta monografia busca um resgate. Resgate da conexão entre mulheres e sua terra, suas plantas, resgate de si. Ao acompanhar e descobrir as plantas que temos ao nosso redor – seus formatos e suas capacidades tintórias – estamos também nos apropriando de nosso território. Começamos pelos nossos vasilhinhos, para expandirmos para o quintal, a rua, até dominarmos a cidade inteira. Saber sobre plantas é poderoso, não à toa eram perseguidas as curandeiras naturais. Segundo Silvia Federicci em *o Calibã e a Bruxa* (2017, p. 363): “Depois do Concílio de Trento (1545 - 1563) a Contra Reforma adotou uma postura dura contra as curandeiras populares, temendo seus poderes e suas profundas raízes na cultura de suas comunidades.”. O eco print, eco impressão, ou impressão botânica não possui propriedades curativas comprovadas a serem perseguidas, mas estimula o envolvimento e o conhecimento de plantas com propriedades medicinais.

Em poucas palavras, a impressão botânica é uma técnica que marca folhas e flores em papel ou tecido. O material é amarrado e depois cozido ou fervido para que as plantas liberem seu potencial tintório e criem uma impressão de contato que pode ser bem diferente da planta original. A eco impressão varia em função de vários fatores; além da escolha de plantas, depende da estação do ano e dos mordentes, que são, como fala Seeger (2020):

[...] o elemento que faz a “mágica acontecer”. São as substâncias que conectam o mundo das plantas ao mundo dos humanos, é o que dá voz às plantas. Ou melhor, é o tradutor delas. Os mordentes são elementos extraídos dos ambientes e que receberam alterações químicas pelas mãos humanas [...] (SEEGGER, 2020, p.120).

Essa pesquisa se iniciou na metade de 2021. Após a perda de meu pai, tive muita vontade de saber um pouco mais sobre minha família, minhas raízes e, a partir de uma proposta na aula de pintura, tive a ideia de retratar minhas tias-avós, agricultoras, com tintas e pigmentos naturais, preferencialmente de Roca Sales, de onde elas eram originárias. A ideia era traçar relações não só através dos retratos, mas também através dos materiais escolhidos.

Com a situação do isolamento, decorrente da pandemia, não foi possível buscar os materiais em sua cidade de origem, mas continuei a pintar em madeira – com pigmentos naturais, terra, açafrão, coloral e carbonato de cálcio – que a mim remetiam à agricultura e à cozinha. A pintura com tintas naturais se mostrou um caminho interessante, mas senti falta de componentes mais intuitivos, de deixar que os elementos naturais se manifestassem de uma maneira mais livre e não imposta pelo pincel. Sentia falta de poder convidar minhas tias para tomar um chá e melhor representá-las.

Figura 1 – Foto de casamento de uma tia-avó nos anos 20



Fonte: arquivo pessoal de Marlene Kircheim.

Assim, surgiu a aproximação com a impressão botânica: já que não era possível tomar um chá com minhas tias, resolvi usar o chá para representá-las. Descobri na eco impressão um processo que permite a intuição, a valorização da experimentação e do acaso. A começar pela coleta das plantas, momento em que precisamos estar presentes para olhar o chão e escolher quais são as folhas que participarão do nosso processo. A menos que tenhamos vasto conhecimento botânico, essa escolha vai ser feita de maneira subjetiva, e possivelmente intuitiva.

O passo seguinte é a preparação do suporte com auxílio de algum mordente. Como existem diversos tipos de mordentes, nesse passo também temos possibilidades de experimentar. Na etapa seguinte, podemos novamente, se quisermos, dar espaço à intuição – na composição entre folhas, pigmentos e espaços em branco. Essa é uma etapa interessante, pois, por mais que gostemos da composição, não podemos nos apegar – o resultado após o cozimento é totalmente diferente daquele que encontramos ao compor.

A amarração e o cozimento são outras etapas muito interessantes: é possível relacionar com costura, com cozinha e, principalmente, com bruxaria. Ao enrolar e amarrar nossos trabalhos com barbante, transformá-los em pacotes, e colocá-los no panelão, no vapor quente, liberamos reações químicas e odores, visitando assim, o arquétipo da bruxa:

Quer essa idosa seja uma velha enrugada ou uma feiticeira com seus amuletos, quer ela seja uma mutante ou uma maga sensual, quer esteja usando trajes de ervas, vestido do brilho do pôr-do-sol, manto da meia-noite ou uniforme completo de combate[...] Ela é a anciã “que sabe” e surge de repente para ajudar a mulher mais jovem [...] (PÍNKOLA, 2007, p. 36).

Figura 2 – (a) Preparação dos papéis e plantas e (b) composição com folhas



(a)



(b)

Fonte: arquivo pessoal da autora (2021).

Depois do cozimento, chega-se ao momento de abrir cuidadosamente os pacotes e ver o que aconteceu. E, com efeito, descobrir o que aconteceu no diálogo planta-papel -pigmentos-água é um momento muito especial. As cores mudam, algumas plantas imprimem, outras não, os pigmentos se espalham; é quase um novo momento de coleta, observando os efeitos da natureza no papel.

Após realizar o eco print no suporte, voltei a retratar minhas tias com tintas naturais e a atingir resultados interessantes. Senti que agora havia deixado que as plantas também pudessem contar o seu viés da história de minhas tias-avós – e que talvez, por sua memória ancestral, provavelmente soubessem dessa história ainda melhor do que eu.

Figura 3 – Fragmentos da obra Grinaldas da Terra (2021)



Fonte: arquivo pessoal da autora (2021).

A partir desse trabalho tive vontade de compartilhar a impressão botânica com mais mulheres e de fazer dela um processo coletivo de reapropriação de nossas histórias e de

nossos poderes de manipulação de ervas e plantas. Acredito que através da impressão botânica é possível cultivar outro olhar para as plantas que nos rodeiam. Este novo olhar é potente, pois permite que nos tornemos novamente donas do lugar onde estamos, donas de nós mesmas e donas de nossas próprias narrativas.

É importante ressaltar, entretanto, o cuidado ao tratar do tema, para que, ao realizar oficinas de impressão botânica, não exercitemos um viés exploratório da natureza, mas sim uma prática com respeito e reflexão. Olhar a natureza como um recurso a ser explorado é o resultado da catástrofe climática, ambiental e social que estamos vivendo. O convite que faço, enquanto participante desse mesmo processo, é que olhemos a natureza como aprendizes – como propõe Mancuso (2019, p. 10): “Dos Materiais à autonomia energética, da resistência às estratégias adaptativas, as plantas encontraram desde tempos imemoriais as melhores soluções para a maioria dos problemas que afligem a humanidade [...]”.

Para melhor organizar essa pesquisa, eu a dividi em duas partes: Parte I - Uma incursão teórico-histórica e prática sobre a técnica (que abrange capítulos 1 e 2) e Parte II - Uma investigação narrativa sobre a experiência educativa (que abrangem os capítulos 3, 4, 5 e 6).

Na primeira parte do capítulo 1, abordo temas da neurobiologia vegetal e da metafísica da mistura, para entender como nos relacionamos com as plantas, como elas são vistas em nossa sociedade urbana e ocidental e o que podemos aprender filosoficamente através da sua observação. Esse diálogo é construído principalmente através do trabalho do filósofo Emanuelle Coccia, do biólogo Stefano Mancuso, e do ambientalista Ailton Krenak. Na segunda parte do primeiro capítulo, eu expando o olhar para outras formas de nos relacionarmos com as plantas e a ligação disso com saúde a partir de um estudo sobre a comunidade Xakriabá, um estudo sobre Pierre Fatumbi Verger e o candomblé, e o livro de Farmácia Natural de Irmã Maria Zatta.

No segundo capítulo, eu evidencio questões relacionadas à impressão botânica, como conceito, contexto histórico, processo e filosofia. Essa construção é feita através de pesquisas de um grupo de engenharia da UFSC, de uma estudante de moda de São Paulo, e principalmente através do trabalho artístico e antropológico de Natalia Seeger e Nara Guichon.

A segunda parte do trabalho é dedicada à experiência educativa com impressão botânica. No terceiro capítulo, eu explico minhas decisões metodológicas para essa pesquisa. Nos capítulos 4 e 5, eu relato duas experiências de oficinas em contextos diferentes: contextos,

públicos, planejamento, experiência e resultados das mesmas são ilustrados com fotos e partes de conversa que tivemos em sala de aula. No capítulo 6 trago reflexões obtidas a partir da experiência das duas oficinas e as derivações de sua realização. Nos capítulos 4, 5 e 6, eu abordo de maneira ampla as relações entre mulheres e plantas, através dos estudos feministas de Silvia Federici e Veronica Zago e também exploro os estudos de educação e transgressão de Bell Hooks e Paulo Freire, e os conceitos de criatividade de Fayga Ostrower – sempre relacionando com reflexões de artista-professora a partir das oficinas.

Nas considerações finais faço uma breve conclusão sobre os aprendizados e reflexões relacionados à pesquisa.

Parte I - Uma incursão teórico-histórica e prática sobre a técnica

2 PLANTAS FAZEM MUNDO

*Sem folha não tem sonho
Sem folha não tem vida
Sem folha não tem nada*

*Quem é você e o que faz por aqui
Eu guardo a luz das estrelas
A alma de cada folha
Sou Aroni*

*Così euê
Così orixá
Euê ô
Euê ô orixá*

(Maria Bethânia)

1.1 O MUNDO E O CONHECIMENTO SOBRE PLANTAS

Plantas estão em todos os lugares, são a base da cadeia alimentar. Sem elas nada nasce ou sobrevive. No entanto, como diria Coccia (2018) pouco falamos sobre elas, ou sequer sabemos os seus nomes. Poderíamos pensar que é porque tudo já foi catalogado, estudado; por não termos novidades científicas atuais. A julgar pelo tempo de sua existência, porém, não é isso que influencia nosso desconhecimento. Mancuso (2019) aponta em seu livro que mais de duas mil espécies por ano foram descobertas na última década.

A base de nossa ignorância, não tem, portanto, causas científicas, mas filosóficas: “nós as consideramos uma mera parte da paisagem. Vemos o que entendemos e entendemos apenas o que é semelhante a nós” (MANCUSO, 2019, p. 95). O homem como medida de todas as coisas é a base de nossa relação com as plantas e com o meio ambiente. Conforme cita Maus (2020 p. 8), sobre o teórico Michel Collot (2013¹, p. 27): “[...] essa troca entre o interior, e o exterior não diz respeito apenas à percepção individual, mas também à relação que as sociedades humanas mantêm com seu ambiente.”.

Essa visão, que separa o homem de todo resto ao seu redor, é uma visão portanto antropocêntrica e colonialista, compartilhada pela maior parte da sociedade branca ocidental

¹Collot, Michel. Col683 Poética e filosofia da paisagem / Michel Collot; tradução: Ida Alves ... [et al.]. — 1. Ed. — Rio de Janeiro: Editora Oficina Raquel, 2013.

que inspira nossa ignorância. Estabelecemos uma hierarquia na natureza e julgamos que, por nossa racionalidade, somos superiores a todos os animais, e os animais, por semelhança, são superiores às plantas. Isso confere direito de vida e morte dos animais sobre os vegetais, e faz com que nós, humanos, desprezemos a vida vegetal em nossa vida e em nossos estudos, conforme aponta Coccia (2018). Ailton Krenak também fala muito sobre isso, ao questionar essa cosmovisão branca, utilitária da vida: “É como se tivessem elegido uma casta, a humanidade, e todos que estão fora dela são sub-humanidade. Não são só os caiçaras, quilombolas e povos indígenas, mas toda vida que deliberadamente largamos a margem do caminho [...]” (KRENAK, 2020, p. 10).

A hierarquia de vida que estabelecemos não afeta só nossos estudos sobre plantas, mas sua própria existência. Estamos, como diz Ailton Krenak (2020, p. 26), devorando toda vida ao nosso redor. Como exemplo, podemos citar um caso local, segundo a reportagem do site ClimaInfo de setembro de 2021:

O Pampa é o bioma brasileiro que proporcionalmente mais perdeu vegetação nativa nas últimas três décadas. De acordo com dados do MapBiomas, o Pampa perdeu 2,5 milhões de hectares de área verde nativa entre 1985 e 2020, um decréscimo de 21,4% – toda essa perda provocada pela pecuária. PAMPA É O BIOMA QUE MAIS PERDE VEGETAÇÃO NATIVA NO BRASIL, ALERTA MAPBIOMAS. ClimaInfo, 2021.

Para mudar nosso mundo, precisamos primeiro mudar nossas perspectivas. Humberto Mariotti (1999, p.2) explica: “O mundo em que vivemos é o que construímos a partir de nossas percepções, e é nossa estrutura que permite essas percepções. Por conseguinte, nosso mundo é a nossa visão de mundo.”. Em outras palavras, para que possamos estabelecer uma outra relação com o ambiente e com os seres que nos circundam é preciso quebrar nossa visão hierárquica da vida que coloca o homem no centro de tudo, e todo resto de vida à margem.

Basta voltarmos no tempo e nas raízes da filosofia, na Antiguidade, ou observarmos a maneira com que os povos da floresta se relacionam com as plantas, para sairmos dessa lógica da cosmovisão branca ocidental atual. Conforme Coccia (2018) Aristóteles já enxergava a vida vegetal não como uma classe distinta, mas como um espaço partilhado por todos: as plantas seriam um ponto inicial e disseminaram a vida, que pertence a todos (e não apenas aos homens). Kaiowá (2021, p. 301) diz que “[...] as plantas ouvem a nossa voz [...]” e aponta

uma forma dialógica de com os outros seres partilhada por outros povos indígenas brasileiros: “[...] eu fiquei pensando muito que os diferentes indígenas que existem aqui no Brasil têm uma forma de dialogar com as plantas [...]” (KAIOWÁ, 2021, p. 310). Maturana também aponta novos modos de existência através da autopoiese, como explica Humberto Mariotti: “Como não competem entre si, os sistemas vivos não-humanos não ‘ditam’ uns aos outros normas de conduta. Mantidas as condições naturais, entre eles não há comandos autoritários nem obediência irrestrita [...]”. (MARIOTTI, 1999, p. 3).

Já que precisamos mudar nossa perspectiva antropocêntrica, pois essa nos leva diariamente à destruição do mundo, o que aconteceria se passássemos a observar o mundo através da perspectiva das plantas?

1.2 A METAFÍSICA DAS PLANTAS

“As plantas são os verdadeiros mediadores: são os primeiros olhos que se colocaram e se abriram para o mundo, são o olhar que consegue percebê-lo em todas as suas formas. O mundo é antes de tudo, o que as plantas souberam fazer dele.” (COCCIA, 2018, p. 26).

Conforme Coccia (2018, p. 15): “[...] é às plantas que devemos perguntar o que é mundo, é porque são elas que ‘fazem mundo’”. Se formos analisar, toda vida nasce das plantas, elas transformam energia solar em energia química. Quase nenhum outro ser tem essa capacidade e isso nos torna (junto aos demais animais) completamente dependentes das plantas e de seus processos fotossintéticos. Citando novamente Coccia (2018, p. 15), as plantas “[...] transformam tudo aquilo que tocam em vida, fazem da matéria, do ar, da luz solar, o que será para os outros seres vivos um espaço de habitação, um mundo.”.

Elas estão presentes em tudo aquilo que encontramos, tudo o que está vivo; no entanto, nossa visão antropocêntrica faz com que as vejamos apartadas do mundo, taxonomicamente diferentes e distantes de nós. E é justamente o contrário disso: as plantas se confundem com o mundo ao transformá-lo. De certa maneira, elas são o nosso mundo, aquilo que precede a nossa existência. Só conseguimos respirar ao nos alimentarmos do oxigênio que é o resto da alimentação das plantas. Coccia (2018), explica sobre isso quando fala sobre as plantas e diz que,

[...] sua vida é uma interminável contemplação cósmica, sem dissociar objetos e substâncias. Ou dito de outra forma, aceitando todas as nuances, até se fundir com o mundo, até se confundir com sua substância. Nunca poderemos compreender uma planta sem ter compreendido o que é o mundo. (COCCIA, 2018, p. 13).

Pensar o mundo a partir de plantas, portanto, é compreender o mundo e a nossa existência de outra maneira – de uma forma mais interdependente, menos utilitária do que estamos acostumados a pensar. Pensar o mundo a partir de plantas é enxergar a vida de uma maneira mais parecida com os povos da floresta que, como escreve Ailton Krenak: (2020, p. 99): “Para além da ideia de “eu sou a natureza”, a consciência de estar vivo deveria nos atravessar de modo que fôssemos capazes de sentir que o rio, a floresta, o vento, as nuvens são nosso espelho na vida.”.

Ao mudar nossa perspectiva e pensar o mundo a partir de plantas e não a partir de nós mesmos, humanos, enxergamos também outras formas de existência e organização social. As plantas possuem um funcionamento completamente distinto dos seres humanos. Conforme Mancuso (2019, p. 10), se nós, seres humanos, dividimos nossas funções em órgãos específicos, nas plantas essa estrutura é completamente distinta. Cada parte da planta funciona de maneira autônoma. Isso torna as plantas mais fortes estruturalmente. Se ficarmos sem um órgão, nosso funcionamento fica comprometido – mas o mesmo não acontece com as plantas. Por sua composição modular, quando feridas em um aspecto, elas repetem as mesmas funções por todo corpo, de forma que isso não prejudica toda sua existência.

A força das plantas também se revela na capacidade de adaptação a mudanças. Diferente dos animais, que se movem quando encontram algum tipo de problema, as plantas mudam seu funcionamento interno e tentam ao máximo se adaptar à nova configuração ambiental. Na verdade, as plantas se comunicam sobre mudanças ambientais e se auxiliam nas soluções de uma maneira coletiva. Peter Wohlleben (2017), em seu livro “A vida secreta das árvores” fala muito sobre isso, sobre como as árvores, em seu habitat natural, desenvolvem um sistema complexo de comunicação junto a fungos em suas raízes de maneira a “pedir ajuda” para outras quando estão em dificuldade. E as árvores de fato se auxiliam e permanecem vivas através desse sistema de comunicação que em muito lembra a nossa internet.

Ao pensar o mundo e a existência através das plantas, nos deparamos com outras maneiras de relação, de sociedade, de existência. Como escreve Mancuso (2019, p. 10): “Elas são um modelo de modernidade [...]. Dos materiais à autonomia energética, da resistência às estratégias adaptativas, as plantas encontraram desde tempos imemoriais as melhores soluções para a maioria dos problemas que afligem a humanidade [...]”.

1.3 AS PLANTAS E SEU PODER CURATIVO

A industrialização excessiva nas sociedades urbanas e o advento da medicina ocidental nos afastou das plantas de tal forma que hoje nós as vemos separadamente de suas propriedades. Como escreve Mancuso (2019, p. 9): “Quantos sabem que os princípios ativos dos remédios são, em grande parte, de origem vegetal? [...] Nossa vida, assim como a de qualquer outra forma de vida no planeta, depende do mundo das plantas.”.

Onde a medicina ocidental não chega – seja por preservação cultural, distância ou falta de recursos – podemos ver o desenvolvimento de outra relação com as plantas. É o desenvolvimento de farmácias naturais, fitoterápicos, atendimentos via benzimentos e pajelança que podemos encontrar em comunidades indígenas, em centros de cultura afro, e até mesmo em pastorais, no atendimento a comunidades carentes.

Um exemplo desse conhecimento foi organizado pelo Núcleo Transdisciplinar Literaterras da Universidade Federal de Minas Gerais em 2014, em uma publicação chamada “Plantas medicinais e processos de cura Xakriabá”. O grupo formado por Creuza Ferreira dos Santos; Juvenira Ferreira de Araújo; Marli Gonçalves de Araújo e Valdeír Marcos de Almeida entrevistou curandeiros locais e descreveu plantas do cerrado e da caatinga e suas propriedades curativas. De acordo com as entrevistas: “[...] para nós Xakriabá, plantas medicinais são ervas naturais que servem para curar diversos tipos de doenças, cada uma agindo de uma forma, seja por uso externo, ingestão, ou tratamento espiritual (benzimento feito por pessoas experientes).” (SANTOS; ARAÚJO; ARAÚJO; ALMEIDA, 2013, p. 24).

Verger (1995) também se dedicou a descrever as propriedades de cura de mais de 3.000 plantas sob a perspectiva lorubá em “Ewé: o uso das plantas na sociedade lorubá”. Sobre isso, escreve Maus (2020): “Pierre Fatumbi Verger Oju Obá tinha por hábito pedir ‘mudinhas’ onde quer que fosse após ter estudado para ser Babalaô, talvez por esta razão nunca tenha dado por pronto seu horto, mantendo em vida olhos sempre atentos aos pátios vizinhos.”. (MAUS, Lilian. Pierre Fatumbi Verger Oju Obá e o Jardim dos Orixás. Histórias e Práticas Artísticas. UFRGS, 2020).

O poder de cura das plantas é reconhecido até mesmo dentro de vertentes do catolicismo, em casos específicos como o de Zatta (2012), que atendia comunidades carentes dentro da Pastoral da Saúde Preventiva, publicando “A Farmácia da Natureza”. Até mesmo dentro da hegemônica religião cristã, podemos encontrar questionamentos sobre essa alienação dos princípios curativos das plantas segundo Zatta (2012, p.12): “Porque não unir o que há de válido na sabedoria popular com os estudos positivos e os avanços da ciência para resultados mais eficientes nas curas?”.

Além das publicações citadas, podemos encontrar outras inúmeras que analisam o poder curativo das plantas sob outras perspectivas. Apesar disso, a relação entre plantas e cura ainda não é majoritariamente reconhecida nos meios urbanos, “[...] muitas pessoas doentes e enfraquecidas pisoteiam os remédios que as poderiam curar: se não o fazem ou é por ignorância ou por comodismo, faltando-lhes não raro, o interesse e a força de vontade.” (ZATTA. 2012, p.12).

Os Xakriabás também lutam contra a ignorância e o esquecimento do poder curativo das plantas em sua comunidade, como podemos ler em publicação do grupo Literaterras (SANTOS; ARAÚJO; ARAÚJO; ALMEIDA, 2014, p. 10).

Antigamente o nosso povo curava suas doenças com as plantas medicinais. Eles tinham muita fé nos remédios preparados por eles, e nem usavam os remédios dos brancos. [...] Antes tudo era possível, hoje poucas pessoas acreditam nas ervas, e quase não utilizam remédios caseiros: a maioria procura os médicos.

Estar com as plantas é benéfico, portanto, considerando seu potencial curativo, as reflexões que podemos fazer a partir de sua observação, e os aprendizados que podemos

obter a partir de seu estudo. Trabalhar com plantas de maneira artística pode trazer outros aprendizados; por isso irei no próximo capítulo aprofundar uma técnica artística que trabalha diretamente com a manipulação e o conhecimento sobre plantas: a impressão botânica.

3 CONTORNOS DA IMPRESSÃO BOTÂNICA

Esse capítulo aborda a conceituação de impressão botânica, as origens da técnica e as etapas do processo para confecção.

3.1 O QUE É A IMPRESSÃO BOTÂNICA?

Impressão Botânica, Eco impressão ou eco print nas palavras da artista Natalia Seeger (2021, p. 57), “[...] é uma técnica de extração das formas, cores e texturas de flores, folhas, caules, cascas, raízes, sementes e ervas para suportes como papel e tecido [...]”. Um dos diferenciais dessa técnica para outras técnicas de estamperia e tingimento industrial é que o processo polui pouco o meio ambiente. Conforme pesquisa do grupo de engenharias da Universidade Federal de Santa Catarina (AGUIAR; AGUIAR; MISSNER, 2018, p. 3) “[...] o pH da água para tingimento e eco print não sofre alteração – podendo-se assim concluir que quando descartada causa pouco impacto ao meio ambiente [...]”. Além disso, Seeger (2021) explica que são poucos os resíduos gerados: apenas folhas e demais materiais orgânicos e pequenas quantidades de mordentes.

Santos (2018) caracteriza os mordentes como produtos químicos fixadores que são os responsáveis por registrar a silhueta de flores, folhas e outros materiais botânicos em papel, ou tecidos (esses também preferencialmente de origem natural). Conforme Seeger (2018), os mordentes ou fixadores, na maior parte das vezes são compostos de algum meio ácido, como vinagre ou limão e alguma outra substância, como cobre, alumínio, ferro, sal ou cal e são utilizados de diferentes maneiras no tingimento natural e na impressão botânica.

Além dos mordentes, para conseguir registrar folhas e outros materiais orgânicos em tecido e papel, na maior parte das técnicas de impressão botânica é necessário cozinhar o suporte e a matéria orgânica em submersão ou vapor. De acordo com Seeger (2021), os resultados da impressão botânica variam muito conforme a escolha de mordente, suporte e cozimento, e também conforme as estações do ano, e a capacidade tintória de cada planta. Essa última é um fator que vamos abordar em breve, mas é importante destacar que cada planta vai se comportar de uma maneira diferente na impressão orgânica e isso vai variar

também conforme as estações do ano e a quantidade de seiva disponível. O grupo de pesquisa de engenharias da UFSC (AGUIAR; AGUIAR; MISSNER, 2018, p.4) exemplifica, “[...] geralmente, utilizam-se plantas com capacidade tintorial para a impressão das cores e das formas. Algumas plantas imprimem mais a cor, como é o caso da pétala de uma rosa, outras podem imprimir a cor e a forma, como a folha de eucalipto [...]”.

3.2 SURGIMENTO DA TÉCNICA

A origem da técnica de impressão botânica pode ser abordada de diferentes perspectivas; uma delas é na Idade Média, com o surgimento de herbários, catálogos de reprodução e classificação de plantas. Segundo a artista e professora mexicana Anabel Torres no site de seu curso (2021): “Os primeiros registros de impressões botânicas estão no manual de Dioscórides, um farmacologista da Grécia antiga. [...] Nas reproduções medievais desse antigo manual, a técnica começou a ser usada para retratar plantas.”.

Em um dos manuscritos de Leonardo Da Vinci, o Codex Atlanticus, também podemos encontrar a impressão de uma folha de Sálvia. Do mesmo período podemos encontrar impressões botânicas feitas por fabricantes de perfumes.

Figura 4 – Impressão da natureza de uma folha de Sálvia do livro de Leonardo da Vinci, Codex Atlanticus, capítulo IX, f. 616, entre 1478 e 1519.



Fonte: Leonardo da Vinci, Domínio Público, via Wikimedia Commons.

Com o passar dos anos a técnica evoluiu, chegando a envolver placas de aço e chumbo, mas foi em 1995 que Índia Flint registrou o nome e o processo sob a nomenclatura eco print. Santos (2018, p. 12) afirma que Índia Flint “[...] descobriu a técnica ao fazer um teste com folhas de eucalipto, com inspiração em sua mãe que tingia ovos nas celebrações de Páscoa [...]”.

Apesar do registro ser de Índia Flint, e de termos registros de impressão botânica nos herbários europeus, a origem da técnica (como de várias outras invenções da humanidade) é difusa. Algumas teorias afirmam que a origem da impressão botânica pode estar relacionada com o Shibori, primo asiático da eco impressão que funciona com amarrações e tingimento, ou com o Bandhani, técnica indiana também baseada em tingimentos e amarrações. Conforme a artista e artesã Nara Guichon em artigo “O que é o Ecoprint e quais suas principais vantagens” no seu site Nara Guichon Textil (2020): “Encontramos versões dessa prática também no Peru, Bolívia, Marrocos e em diversos povos nômades do Norte da África.”.

Figura 5 – (a) Indigo Dyed Shibori Quilt e (b) Bandhani



(a)

(b)

Fonte: Tommy and Saimon via Wikimedia Commons

Existem escritos muito antigos de tingimento natural, conforme AGUIAR; AGUIAR; MISSNER (2018, p.2 *apud* PEZZOLO, 2007): “Um dos primeiros registros que faz referência a utilização de corantes naturais para o tingimento foi feito na data de 2600 a.C. na China.”. Também Seeger (2018, p.36) afirma ter encontrado registros de manuseio de plantas, raízes,

flores e folhas em livros que remontam a 6.000 anos de história – como é o caso da planta Índigo, que servia para diferenciar socialmente os egípcios. A artista Nara Guichon afirma em seu blog que o registro mais antigo de tecido tingido naturalmente surgiu na América do Sul: “O fragmento de tecido pigmentado por mãos humanas mais antigo tem pelo menos 6.200 anos e foi encontrado numa tumba no Peru.”. Em resumo, a história do eco print se confunde com a história da humanidade, e é difícil precisar de fato, onde ela tenha iniciado, mas sabemos quando e onde foi registrada e nomeada.

O grupo Literaterras formado por Santos, Araújo, Araújo e Almeida (2014, p. 1). comenta que, no início da indústria têxtil, quase todos os pigmentos eram naturais. Foi aos poucos que eles “[...] cederam espaço a elementos sintéticos com uma maior gama de cores, resultados melhores de solidez, reprodutibilidade e custo.”. Atualmente, entretanto, conforme afirma Santos (2018) existe um retorno e uma busca por esses processos dentro da indústria têxtil e esse movimento pode ser chamado de *slow fashion* – moda sustentável, em português.²Santos (2018, p. 14) explica que esse movimento vai além da preocupação com o meio ambiente, “[...] valoriza não apenas o meio ambiente como natureza, mas também o respeito para com aqueles que colaboram na produção da peça, e as condições nas quais estes trabalhadores exercem as suas funções [...]”.

Em minhas pesquisas encontrei algumas artistas e iniciativas que se destacam na técnica do eco print e tingimento natural: Matricaria e Maibe Marocollo com suas pesquisas tintoriais, em Brasília; a estilista Flavia Aranha em São Paulo; Jhon Bermmond no Espírito Santo, e um polo bastante forte de impressão botânica em Santa Catarina, nas artistas Nara Guichon e Natalia Seeger. Acompanhando as publicações em redes sociais e artigos desses artistas, percebo que o que desejam vai além da técnica; buscam uma outra forma de relacionar-se com o meio ambiente e com as pessoas que os cercam. Como cita Seeger sobre o trabalho de Nara:

Porém, a impressão botânica vai além de somente aplicar uma técnica para tingir tecidos, ela faz com que o ritmo de produção seja estipulado pelo próprio artesão, fazendo com que ele encontre o seu próprio ritmo de trabalho, conectando-se com um lado sensível e perceptivo que as plantas e o trabalho manual estimulam [...] (SEEGER, 2018, p. 97).

² PEZZOLO, D.B. Tecidos: história, tramas e usos. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2007

Buscar técnicas e pesquisas com impressão botânica é querer inovar em relações, e, como escreve Seeger (2018, p. 119), fazer com que surjam “[...] convergências entre diferentes mundos, pesquisas, ambientes, meios, materiais, plantas, animais, fungos e humanos [...]”.

3.3 O PROCESSO DE IMPRESSÃO BOTÂNICA

O processo da impressão botânica pode ser mais bem compreendido em etapas. Aqui usaremos a classificação de Seeger (2018):

3.3.1 Coleta

Essa etapa se relaciona com o conhecimento prévio que temos das plantas, mas também com nossa capacidade e vontade de experimentar espécies novas. Santos (2018) classifica as espécies em tintoriais (capazes de soltar tinta) ou não tintoriais (incapazes de liberar tinta). Para ajudar nessa classificação, Seeger (2018) comenta que folhas que tem brilho, a exemplo da pitangueira, não liberam pigmento, e o contrário vale para folhas com textura e rugosidade, como é o caso da goiabeira e da mamona. A coleta envolve observação e testes que variam conforme as estações e a lunação. Por isso, Nara Guichon e Natália Seeger (2017) possuem um catálogo costurado à mão de plantas em diversos tipos de tecidos, mordentes e estações, para que a coleta não aconteça em vão e a planta não seja prejudicada.

Figura 6 – Exemplo plantas coletadas para impressão botânica



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2021).

3.3.2 Escolha do Suporte

A maior parte das experiências de impressão botânica que vi aconteciam em tecido ou em papel, mas acredito que outros suportes naturais como cerâmica também sejam possíveis. O suporte influencia diretamente na impressão. Conforme Santos (2018), o algodão, por exemplo, exige protetização (um banho de leite de vaca ou soja), enquanto tecidos de seda exigem banhos em componentes ácidos, como vinagre.

Para impressão em papel, conforme Alice Yokote em seu canal, recomenda-se folhas mais grossas ou papel de aquarela e banho em Alúmen de Potássio (Pedra Húme). Em outro canal de tutoriais, The Flower Power, a artista recomenda o banho em Sulfato Ferroso, também conhecido como chá de prego.

Nesta fase também é importante adequar o tamanho do suporte ao tamanho da panela em que vai ocorrer o posterior cozimento: os papéis devem naturalmente caber na panela, e os tecidos devem ser passíveis de ser enrolados depois.

Mordentes ou fixadores são as substâncias que, conforme Seeger (2021, p. 120), fazem a mágica acontecer, “[...] são as substâncias que conectam o mundo das plantas ao mundo

dos humanos, é o que dá voz às plantas. Ou melhor, é o tradutor delas.”. Normalmente são à base de algum ácido, como vinagre ou limão e outra substância fixadora que pode ser cobre, alumínio, ferro, sal ou cal.

Seeger compara a fazedura do mordente com uma receita de bolo: “A ‘fazedura do mordente’ se assemelha a cozinhar um bolo: pode ‘desandar’ de acordo com o seu humor.” (SEEGER, 2021, p. 120).

Figura 7 – Preparação do suporte e das plantas com Alúmen de Potássio



Foto: Arquivo pessoal da autora (2021).

3.3.4 Composição

Após a escolha do suporte e a coleta das plantas é a hora de distribuí-las sobre o suporte. Nas palavras de Santos (2018, p. 28): “Após a escolha dos materiais, pode ser iniciada a etapa de estampagem, que começa com a escolha da posição das folhas ou outras partes

do corpo das plantas, no tecido [...]”. Conforme Seeger (2018), nessa etapa já deveríamos imaginar como elas ficariam depois do cozimento.

Figura 8 – Composição com plantas e pigmentos naturais



Foto: Arquivo pessoal da autora (2021).

3.3.5 Amarração

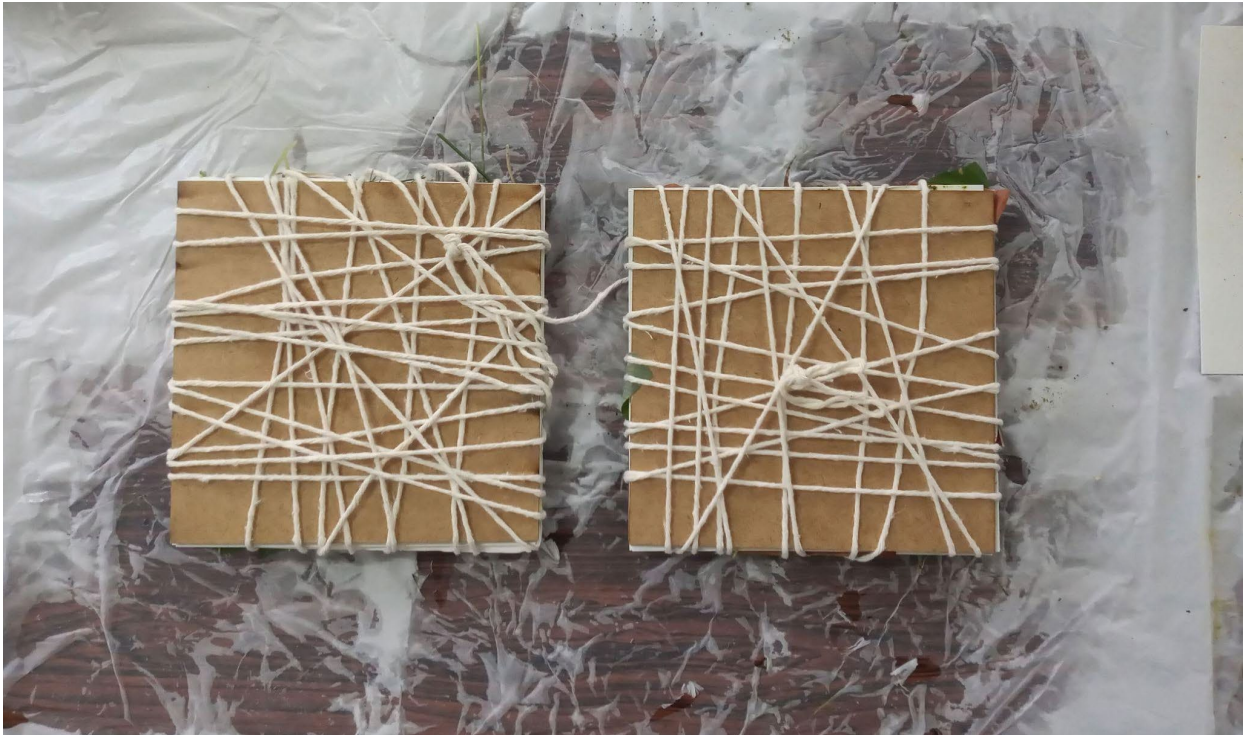
Se o suporte eleito for o papel, devemos escolher algo para enrolá-lo ou, conforme recomendação de Alice Yokote, separar duas madeiras finas, maiores que o tamanho do papel.

Caso o suporte escolhido seja tecido, esse deve ser enrolado em um suporte cilíndrico, que conforme Seeger (2018, p. 67) “[...] pode ser de ferro, de cobre, de zinco, de PVC, ou bambus coletados por nós.”. A autora ainda destaca que “[...] assim como os mordentes, os suportes também influenciam na tonalidade e intensidade das cores das plantas impressas no tecido, demonstrando a imensa variedade de resultados que a impressão botânica pode gerar [...]”.

Após enrolar o tecido, é momento de amarrá-lo, fazendo um pacote. Dependendo da amarração e com o que ela é feita, geram-se resultados diferentes, conforme Santos (2018). Essa formação do pacote com as amarrações é um processo muito parecido com o Shibori, conforme autora.

Se o suporte for papel e madeira, essas amarrações não farão tanta diferença, pois o papel encontra-se protegido pela madeira, conforme demonstrado na figura. Seeger (2021, p. 68) chama atenção: “Neste momento, a pressão colocada ao amarrar é de suma importância para que as plantas fiquem bem nítidas durante a impressão [...]”.

Figura 9 – Pacote de papéis amarrado para impressão botânica



Fonte: Arquivo pessoal de Nickole Monfron (2022).

3.3.6 Cozimento

Essa etapa é fundamental para a liberação da capacidade tintória das plantas, ou, nas palavras de Seeger (2018, p. 64) “[...] é nesta etapa que o resultado foge do nosso controle e torna-se ‘mágico’”. Conforme a autora, são duas as técnicas principais: uma a vapor, onde o tecido é cozido sem encostar na água, e outra técnica o tecido é submerso e fervido dentro da água. Esse segundo pode ter a adição de chás e ervas e fixadores na água.

O tempo do cozimento é algo que causa divergência entre as autoras. Seeger recomenda vinte minutos para vaporização, duas horas de imersão e 24 horas de descanso dentro da panela. Já no tutorial de Alice Yokote, a recomendação é de 2 horas de vaporização e não é necessário nada além de 1 hora de descanso. Santos (2018, p. 30) cita Bowmann³

³BOWMAN, Bonnie. A Beginner's Guide to Eco Printing Fabric. [S.l.: s.n.], 2018. 4

(2018, p.4) para dizer que: “O tempo de duração desta etapa depende da espécie botânica escolhida e da interação que os pigmentos presentes nela vão ter com o tecido e mordente [...]”.

Figura 10 – Exemplos de cozimento por imersão e a vapor



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2021).

3.3.7 Abertura e secagem

Após o cozimento e o descanso, é hora da abertura dos pacotes amarrados. India Flint, em uma de suas publicações em redes sociais (23 de outubro de 2020), afirma que cada pacote é um presente para si mesma, e que os cordões podem ser um tapete mágico. De fato, a hora da abertura é uma revelação da combinação das opções feitas anteriormente. Depois de aberto, retira-se os resquícios de material orgânico do tecido ou papel e esses são colocados para secar, preferencialmente à sombra.

p. Disponível em:

<http://www.bonniebowman.com/uploads/1/3/4/5/13459288/beginners_eco_printing_1.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2018.

Figura 11 – Imagem de pacote recém aberto



Fonte: : Arquivo pessoal da autora (2021)

3.4 REFLEXÕES A PARTIR DA TÉCNICA

Santos (2018) explica que cada opção realizada durante o processo manifesta efeitos diferentes. Seeger (2018, p. 62) adiciona que “[...] teremos inúmeros fatores que podem gerar infinitas possibilidades de impressão.”. A autora ainda ressalta que mesmo que dominada a técnica, os materiais, o ambiente, os cheiros e cores, ainda assim existem (SEEGGER, 2018, p. 62) “[...] aspectos que ultrapassam a percepção visual, é algo difícil de precisar e que somente a ‘prática’ [...] pode nos ensinar [...]”.

O processo parece despertar algo a mais nas pessoas, algo que diz respeito à relação para com plantas e com a própria vida. Seeger (2018) relata depoimentos de alunas que se emocionam durante o curso e dizem que gostariam de mudar suas vidas, torná-las mais vagarosas e conectadas com as plantas. As etapas do ecoprint revelam procedimentos antigos repetidos por gerações de mulheres, como a colheita, a observação das estações e das luas, o cozimento, a lida com o tecido, a feitura de chás, entre outros. E pode ser que alguma coisa desse “algo a mais” citado por Seeger sobre o processo de Nara Guichon esteja relacionado

com isso. Essa é uma reflexão feita frequentemente por India Flint em suas postagens – o fazer ancestral que se repete nas etapas do ecoprint. Nara Guichon também afirma no trabalho de Seeger (2018) ter aprendido a maior parte de suas habilidades culinárias ou artesanais observando sua avó.

Figura 12 – Imagem de pacote recém aberto



Fonte: : Arquivo pessoal da autora (2021).

É praticamente impossível repetir resultados dentro da impressão botânica, devido a todas as variáveis envolvidas, e essa característica do processo parece deixar mais espaço para a criatividade, a intuição e o improviso. Essas são as marcas do trabalho de Nara Guichon, segundo Natalia Seeger (2018, p. 49) observa, “[...] guardar todos os retalhos de tecidos possíveis para costurar [...], misturar diferentes plantas e mordentes na panela no processo de tingimento natural. O processo de criação de Nara possui o improviso como o seu maior aliado”. Sobre esse mesmo fator, afirma em seu site, “[...] nenhuma impressão em Ecoprint é igual à outra, porque nenhuma folha é igual à outra, nenhuma flor, nenhuma pétala, nenhuma semente. Nem mesmo os dois lados de uma folha são iguais. Isso nos lembra da importância dos detalhes e de aceitar o acaso e o inusitado [...]”. (SEEGER, 2018, p. 49).

A partir do processo e das etapas da impressão botânica, podemos fazer várias reflexões sobre outras maneiras de se viver, e a maior parte das artistas observadas traz essas

considerações junto a seus trabalhos. Esse é o caso de Nara Guichon, que associa o ecoprint à sua filosofia de vida e apresenta alguns conceitos em seu site, como o respeito ao todo, a desaceleração, a paciência e a imperfeição. Natalia Seeger (2018, p. 22) afirma que foi a técnica que mudou sua relação com plantas, transformando-a em aprendiz: “Fazer impressão botânica é um convite a descolonizar nosso olhar, para que enxerguemos por outros ângulos aqueles movimentos que anteriormente pareciam não existir [...]”.

A partir dos relatos, observa-se que através da técnica de impressão botânica é possível ter outro olhar e percepção para com as plantas, desenvolvendo uma relação mais conectada com o todo, como explica Guichon em seu site naraquichon.org: “Durante a criação de uma peça em impressão botânica realizamos diferentes tipos de conexões. Entre nós mesmos e o entorno, entre nossas ideias e os elementos naturais que coletamos, mas principalmente entre pessoas que acreditam num mundo mais limpo e melhor [...]”.

A filosofia do eco print defendida por Nara Guichon em muito lembra as palavras de Emanuele Coccia ao falar da conexão profunda das plantas com o todo: “Não se pode separar – nem fisicamente, nem metafisicamente – a planta do mundo que a acolhe. Ela é forma mais intensa, mais radical, mais paradigmática do estar-no-mundo. Interrogar as plantas é compreender o que significa estar-no-mundo.” (COCCIA, 2018, p. 13). Seeger (2018, p. 58) cita um comportamento de Nara muito relacionado a essa fala: o de colher as plantas pedindo licença, pois, “[...] fazemos parte de um todo e as plantas estão incluídas neste ‘todo’, logo elas também seriam parte de nós e nós seríamos parte delas [...]”.

Parte II - Uma investigação narrativa sobre a experiência educativa.

4 PARA ENSINAR IMPRESSÃO BOTÂNICA

Reconhecer que o mundo é um espaço de imersão significa, ao contrário, que não há fronteiras estáveis ou reais: o mundo é o espaço que nunca se deixa limitar a uma casa, ao próprio, ao domicílio, ao imediato. Ser-no-mundo significa então exercer as suas influências sobretudo no exterior de casa, fora de seu habitat, arredado do seu nicho. O que habitamos é sempre a totalidade do mundo, que está e estará para sempre infestada pelos outros. (COCCIA, 2018, p. 72).

4.1 INVESTIGAR A SI MESMO

Decidi organizar a segunda parte desta pesquisa como uma investigação narrativa. Nas palavras de Mello, Murphi e Clandinin (2016, p. 567), “[...] o estudo da experiência entendida narrativamente [...]”. O método foi uma sugestão da professora da banca Aline Nunes e com pesquisas posteriores entendi que essa seria uma maneira metodológica interessante para trazer não apenas a minha voz para este trabalho, mas também as várias vozes envolvidas nas oficinas.

Investigação narrativa é uma maneira de entender a experiência. É uma colaboração entre pesquisador e participantes por um tempo, em um lugar ou série de lugares e na interação social com o meio. Um investigador adota esta matriz como central e continua com o mesmo espírito, concluindo a investigação ainda centrado no viver e contar, revivendo e recontando as histórias das experiências que compõem a vida das pessoas, tanto individual quanto social (MELLO; MURPHI; CLANDININ, 2016, p. 567 *apud* CLANDININ; CONNELLY, 2000⁴, p. 20).

Contar narrativamente também se mostrou como uma maneira de revisitar e compreender as experiências de outro lugar temporal. Para Breton (2020), esse deslocamento é interessante no sentido de permitir ao pesquisador viver a experiência, refletir e depois narrar o que ficou de mais importante.

Para realização desta parte da pesquisa, então, gravei o áudio da maior parte dos encontros, fotografei e fiz registros em vídeo. Esse material foi escutado, transcrito e analisado.

⁴CLANDININ, D. J.; CONNELLY, F. M. Narrative inquiry: experience and story in qualitative research. San Francisco, CA: Jossey-Bass, 2000

Trago a partir de agora momentos importantes, conversas relevantes e também ideias chaves que surgiram nas oficinas.

Ainda, para análise, considerei as três dimensões principais da investigação narrativa: os aspectos temporais, sociais e geográficos, conforme Mello, Murphi e Clandinin (2016, p. 567 apud CLANDININ; CONNELLY, 2000⁴, p. 597):

Trabalhar com esta concepção de experiência molda o espaço tridimensional da investigação narrativa, segundo as suas dimensões: de temporalidade (passado, presente e futuro), de sociabilidade (com atenção aos eventos pessoais e existenciais que se desenrolam), e de lugar (os espaços geográficos, topológicos, onde os eventos, incluindo os eventos de investigação, acontecem).

Ao escolher a investigação narrativa também escolhi rever o meu processo docente, as minhas experiências de ensino e aprendizagem, a minha relação com o tema da impressão botânica e como isso afeta quem eu sou e quem eu desejo ser a partir dessa pesquisa. Revisitar o processo educativo, me escutar e reviver os encontros é por vezes doloroso, a autocrítica grita e surgem muitos questionamentos, mas sem dúvida é um processo rico de auto-análise e profundo aprendizado.

4.2 OFICINAS COMO LABORATÓRIO DE ARTE-ENSINO

Durante todo curso de Licenciatura em Artes Visuais tive a oportunidade de ministrar oficinas dentro da comunidade criativa de que faço parte na Associação Cultural Vila Flores. As oficinas foram a maneira prática que eu encontrei de ir experimentando a docência enquanto estudava no Instituto de Artes da UFRGS e trabalhava como designer autônoma. Por oficinas, aqui entende-se um espaço temporal curto, nesses casos de 1 até 2 horas no máximo por encontro e com até 15 participantes por vez, sem delimitação de idade. As oficinas tinham temas de meu interesse poético, como desenho e autoconhecimento, desenho de observação, entre outros assuntos, e eram focadas em uma breve fala e duas ou três proposições práticas de experimentação. Aconteciam na maior parte das vezes em festivais, sob livre adesão, sem custo aos participantes e com um público bastante diverso.

Figura 13 – Oficina de Desenho no Festival da Primavera do Vila Flores 2019



Fonte: arquivo pessoal de Ricardo Ara (2019).

As oficinas se encaixam dentro do espectro da educação não-formal, que é, segundo Meura (2011, p. 40), “[...] o ensino que acontece de forma estruturada, sendo planejado e organizado fora dos locais formais de ensino, ou seja, o que acontece fora do ambiente escolar institucionalizado, tal como tradicionalmente tem ocorrido no processo da educação [...]”.

Aprendi a gostar desses encontros por ver neles uma forma de atingir pessoas que não tinham contato diário com arte, promovendo, assim, uma janela de novas possibilidades. Observei o poder das trocas espontâneas entre desconhecidos, das autodescobertas nas experiências com arte, e no poder da prática, do saber que passa pelo corpo. Na saída das oficinas os participantes normalmente pediam indicações de lugares e pessoas para seguir aprendendo, ou manifestavam interesse de seguir frequentando a comunidade para mais experiências com arte. O potencial desses encontros também já foi abordado por Meura:

A importância do ensino não formal como outra forma de construção de conhecimento, que passa a se dar através da troca, do diálogo, das diferentes disposições do grupo no espaço, além de uma abordagem dos mais diversos conteúdos relacionados também àquele grupo, podendo proporcionar uma mistura de diferentes idades e gerações [...] (MEURA, 2011, p. 40).

Foi por isso que decidi fazer meu projeto de pesquisa de licenciatura em ensino não formal, com oficinas; por acreditar na potência das trocas sobre arte que podem existir fora de espaços formais de educação. Traço aqui um paralelo das oficinas com o que a autora Ana Meura (2011, p. 45) fala sobre mediação: “[...] reafirma-se a ideia de que o saber constitui-se

prioritariamente nas trocas, confirmando a ideia de coletivo, mostrando que não estamos sozinhos e, desse modo, não sabemos tudo, tornando a experiência conjunta ainda mais gratificante.”.

Ao longo de minha formação e das minhas experiências comoicineira, aprendi, porém, que esse formato de apenas um encontro tem limitações importantes. Durante os estágios e aulas no Instituto de Artes da UFRGS, vivenciei a importância do tempo e do vínculo no aprofundamento e evolução do aprendizado. Por isso imaginei que, para a execução da pesquisa, eu realizaria as oficinas em vários encontros.

Inicialmente eu havia idealizado de três a quatro encontros por oficina para que pudesse acompanhar mais de perto as transformações das participantes e pudesse trabalhar, enquanto professora, o encadeamento entre aulas e o vínculo entre participantes. A impressão botânica é um processo lento, e acreditei que algumas relações e reflexões ocorreriam de maneira lenta nas participantes também.

Com o passar do tempo, e algumas tentativas frustradas de encaixar as oficinas em espaços culturais, percebi que experiências um pouco mais curtas, de dois encontros, poderiam ter maior adesão tanto dos espaços quanto das participantes. A impressão botânica ainda é uma técnica pouco conhecida, e percebi certa resistência dos espaços por não conhecer nem a técnica e nem a mim. Além de conversar com alguns espaços, me inscrevi em dois editais; em um deles não passei e outro foi cancelado pelo agravamento da pandemia de Covid-19.

4.3 TESTAR PARA DECIDIR

Consegui me encaixar em uma atividade online dentro de um Festival da Primavera, do grupo de formação de Lideranças Mulheres do Brasil - iniciativa de alcance nacional da empresária Luiza Helena Trajano – que eu integrava na época.

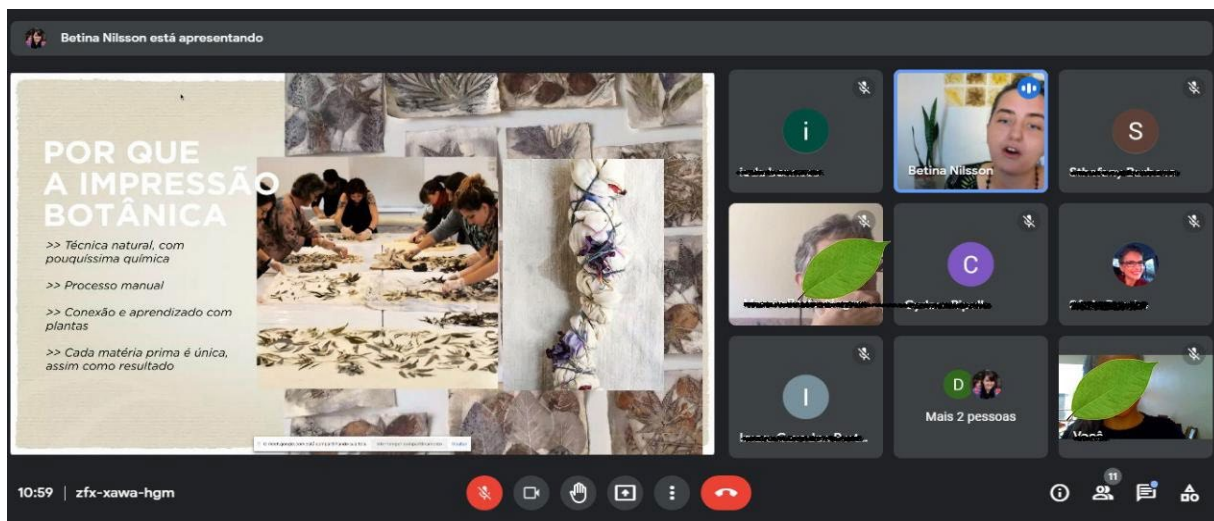
O Festival trazia como objetivo, assim como as oficinas, compartilhar alguns saberes das integrantes do grupo de maneira introdutória e colaborativa em encontros de uma hora. Além da oficina de Impressão Botânica, também aconteceram oficinas de Acarajé e Capoeira.

Essa oficina aconteceu dia 02 de outubro de 2021, às 10h30 da manhã, e foi realizada como um primeiro teste. Não me deterei nela aqui longamente, por ter sido uma atividade muito breve (menos de 1 hora) e por não conter uma prática realmente significativa das participantes – podendo ser classificada mais como uma demonstração da técnica, do que como uma oficina. A oficina que ministrei chamou-se Introdução ao Ecoprint e a smula da consistia em:

- a) Introdução ao Ecoprint (o que , história do ecoprint, artistas e curiosidades);
- b) Bate-papo para dvidas e compartilhamento de experiências com plantas;
- c) Como fazer: demonstração de cada etapa, o que são mordentes e fixadores, resultados obtidos com a impressão botânica;
- d) Prática artística com plantas: duas atividades artísticas com plantas – colagem e monotipia.

Logo no começo o evento foi invadido por um grupo de perfis fakes com discursos misóginos, o que fez com que tivéssemos de migrar para outro link. Tudo leva a crer que essa invasão não foi aleatória, mas um ataque ao grupo e às ideias feministas que o grupo representa. Embora a violência tenha me afetado inicialmente, também serviu de prova interna sobre a relevância de ter grupos e encontros para aprendizagem entre mulheres.

Figura 14 – Imagem da Oficina de Ecoprint

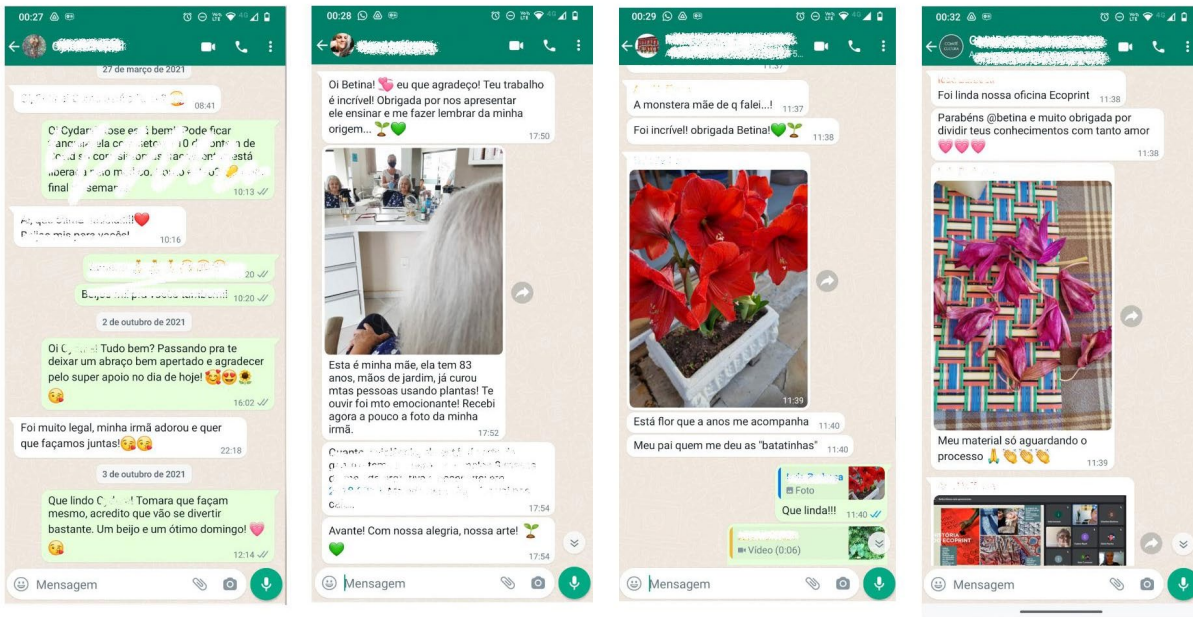


Fonte: Acrevo pessoal da autora (2021).

Como a oficina atrasou, acabei mudando a prática final para uma partilha sobre memórias de plantas bem-quistas pelas mulheres participantes. A prática gerou

compartilhamentos de histórias familiares que também apareceram nos feedbacks recebidos por WhatsApp. Em geral, percebi um grande desejo das mulheres de realizar as oficinas junto a outras mulheres de sua família, e também o surgimento de muitas memórias familiares atreladas a plantas.

Figura 15 – Prints com feedbacks da Oficina



Fonte: Acrevo pessoal da autora (2021).

Dessa experiência, trago aprendizados que reverberaram nas oportunidades seguintes. Essa primeira experiência não teve inscrições prévias, e, talvez por isso, foi invadida por um grupo de perfis falsos com discursos misóginos. Com isso, aprendi a fazer inscrições prévias para minhas participantes e a tomar um cuidado redobrado com os espaços - no sentido de oferecer espaços seguros para as trocas das participantes.

Depois dessa experiência-teste, obtive através de minha orientadora Lilian Maus duas oportunidades de prática: uma dentro do projeto educativo da exposição “Reviver” no Jardim Botânico, mostra da qual ela mesma fazia parte, e outra dentro do Projeto Moda & Arte, desenvolvido pela artista Márcia Souza junto ao Instituto Renner e a AFASO (Associação Famílias em Solidariedade) na comunidade Bom Jesus, em Porto Alegre. A artista Márcia Souza também participava da mostra “Reviver” e estava montando o projeto na época da exposição. As oficinas ocorreram em sequência, nos meses de abril e maio, com públicos muito diferentes entre si, e sofreram adaptações conforme o contexto de aplicação. Na sequência, discorrerei sobre cada uma dessas oficinas, seus contextos de aplicação, planejamento, adaptações necessárias, e também aprendizados e transformações que tive enquanto artista-professora durante a pesquisa. É importante ressaltar que os nomes das participantes foram ocultados nas falas, mas a autoria das imagens foi preservada em acordo com as participantes – dado que uma parte dessas participantes é artista e gostaria de ter a autoria reconhecida.

5 OFICINA DE IMPRESSÃO BOTÂNICA NO JARDIM BOTÂNICO

Neste capítulo relato a experiência da oficina de impressão botânica no jardim botânico, contexto e acontecimentos do primeiro e segundo dia,

5.1 CONTEXTO

Essa oficina foi realizada no âmbito do projeto educativo da exposição “Reviver”, no Museu de Ciências do Jardim Botânico, e foi uma atividade organizada dentro do Programa de Extensão da UFRGS. A iniciativa previa dois encontros de 2 horas e 30 minutos (das 13h30 às 16h), a serem realizados nos dias 9 e 16 de abril. Para participar era necessário fazer inscrição, através do preenchimento de um formulário e do pagamento de uma taxa de R\$ 150,00 que cobria materiais, ingresso no Jardim Botânico e taxas administrativas. O evento foi divulgado via canais oficiais da UFRGS e através das redes sociais do Histórias e Práticas Artísticas e do meu canal pessoal. O texto e as peças de divulgação seguem.

Figura 16 – Informações de divulgação do curso de Impressão Botânica do Jardim Botânico



Introdução à Impressão Botânica: Mulheres, Memória e Território

Súmula:

O que podemos aprender com as plantas ao nosso redor? Que histórias elas podem nos contar? Vamos descobrir juntas o poder de impressão das plantas que habitam o jardim botânico. Aprenderemos sobre a técnica, contexto e possibilidades através da experimentação e trocas entre as participantes. A oficina é direcionada à mulheres adultas, negras, indígenas, brancas, cis ou trans. Na vivência, iremos abordar a relação entre mulheres, plantas, território e memória através da impressão botânica.

A oficina é focada em relações – entre mulheres, entre mulheres e território, entre mulheres e plantas e busca o fortalecimento dessas conexões e seus benefícios – ecológicos, comunitários e sociais. No curso iremos mapear o território (interno e externo) através das plantas, possibilitando aos participantes a reflexão e construção de memórias e narrativas relacionadas ao Jardim Botânico. Além disso, a partir dessa experiência, será possível refletir também sobre os outros territórios dos quais cada participante faz parte.

Ministrante: Betina Nilsson (licencianda DAV/UFRGS)

Coordenação: Lilian Maus (prof. DAV/UFRGS)

Período: 09/04 e 16/04/2022, Sábados – das 13h30 às 16h30.

Carga horária: 2 encontros de 3h, totalizando 6h.

Local: Jardim Botânico de Porto Alegre – quiosque

Público-alvo: Mulheres acima dos 13 anos

Investimento: R\$ 150,00 (mínimo 4 alunos)

Lista materiais: (fornecidos pelo programa)

Número de vagas: 8 (oito) vagas.

Fonte: (a) Betina Nilsson (ano) e (b) Instagram do Práticas Artísticas.

Inicialmente fiquei um pouco desconfortável com a taxa; eu gostaria de financiar eu mesma o curso (mas isso teria um custo elevado). Preocupava-me também o perfil das participantes inscritas; eu tinha dúvidas se teria realmente algo a ensinar para pessoas que já estudavam na UFRGS. Além disso, também me inquietava a responsabilidade de entrar dentro de um programa de extensão, mas conversando novamente com minha orientadora, vimos que era muito importante garantir ao menos essa prática para a pesquisa. Ainda em relação a essa etapa, tive que ressignificar algumas crenças interiores de autoestima para gravar um vídeo de divulgação e me sentir minimamente segura para ministrar oficinas dentro do programa extensionista.

Durante a divulgação e confirmação de 8 participantes para o curso, defini a lista de materiais (que segue abaixo) e visitei o Jardim Botânico por duas vezes para planejar como iriam funcionar as oficinas naquele espaço que para mim não era tão conhecido. Percorri possíveis trajetos no Jardim Botânico e imaginei as oficinas em diferentes lugares. Busquei

apoio em meu companheiro e minha irmã para validar o que eu imaginava para o evento e a navegação entre espaços no Jardim Botânico.

Quadro 1 – Lista de materiais do curso de Impressão Botânica do Jardim Botânico

Lista materiais:

- Pedra Húme em pó - 400g ou Pedra Húme sólida - 2 tabletes de 130g
- 4 blocos Canson Aquarela
- 16 plaquinhas de madeira MDF tamanho 20x20cm
- 8 bacias
- 2 rolos de barbante grosso

Ainda para preparação das oficinas, realizei junto com a Professora Orientadora uma visita técnica e algumas negociações com a administração do Museu de Ciências e do próprio Jardim Botânico a respeito de mobiliário necessário, acesso ao jardim, e cozimento dos materiais. A etapa de cozimento foi adaptada nessa negociação: não poderíamos utilizar fogareiros e fogões, pelo risco de incêndio. Dessa maneira, adaptei o planejamento para que o cozimento dos materiais fosse realizado em casa, entre os encontros. Se eu cozinhar para as participantes, ou se elas mesmas iriam cozinhar foi algo que fiquei de combinar com elas no primeiro encontro. Dessa maneira, dividi a súmula de atividades da seguinte maneira:

Quadro 2 – Súmula do curso de Impressão Botânica do Jardim Botânico

Súmula

Dia 1:

- Introdução a Impressão Botânica - o que é, história, contexto, artistas e curiosidades sobre a técnica (apresentação)
- Prática de aproximação da impressão botânica através da monotipia
- Bate papo para dúvidas e compartilhamento de experiências com plantas
- Prática de impressão botânica - parte 1: coleta das folhas, flores, raízes, e etc, preparação dos materiais-
- Prática de impressão botânica - parte 2: composição, montagem e amarração dos pacotes de impressão

Súmula

Dia 2:

- Trocas sobre o processo e memórias associadas
- Prática de impressão botânica - parte 3: abertura dos materiais
- Finalização da impressão botânica e do trabalho artístico.
- Partilha dos resultados e conversa final

A etapa de preparação para as oficinas no Jardim Botânico levou em torno de um mês e meio, entre visitas técnicas, divulgação, compra de materiais e preparação para o curso. Nesse ponto da pesquisa, dei-me conta da complexidade que é fazer oficinas em espaços não formais. Precisei de muito apoio para realização e planejamento, além de várias negociações com as instituições que me apoiaram – no caso, a própria UFRGS e o Museu de Ciências do Jardim Botânico. Aprendi com essa experiência que a realização de oficinas em espaços não formais é bem menos espontânea do que eu julgava até então e que era preciso saber divulgar e negociar com várias partes até que os encontros fossem realizáveis.

5.2 PRIMEIRO DIA

Neste capítulo relato sobre o lugar onde a oficina foi realizada, também os preparativos necessários a sua execução e também como foi a experiência – utilizando para isso fotos das oficinas e trechos das conversas das participantes.

5.2.1 Lugar

O Jardim Botânico é um espaço bastante peculiar da cidade de Porto Alegre. Com mais de 3 mil árvores, de mais de 653 espécies diferentes, o espaço é amplo e dividido em biomas. Além do parque, o Jardim ainda conta com um Museu de Ciências, onde estava a exposição Reviver; um serpentário, um bar e um auditório para eventos. O Jardim Botânico é atualmente gerenciado pela Secretaria do Meio Ambiente do Rio Grande do Sul, possui uma taxa de entrada de 6 reais por visitante e 11 reais para carros. Também é importante mencionar que o Jardim Botânico se localiza no Bairro Jardim Botânico, na Zona Norte da cidade. Ele fica afastado do centro e não tem muitos pontos de ônibus por perto, sendo mais facilmente acessado com um carro.

Figura 17 – Detalhes do Jardim Botânico



Fonte: arquivo pessoal de Renata Milheiro e Juliana Pereira (2022).

5.2.2 Preparativos

Antes das oficinas me preocupei bastante em adaptar os espaços para receber as participantes. O meu intuito era transformar o auditório que nos foi concedido pelo Jardim Botânico em um espaço democrático e seguro de partilha, troca e experimentação. A questão da vivência em arte é um tema abordado pela artista Fayga Ostrower. Conforme a autora, os aprendizados não são construídos através de fatos ou informações, mas de memórias de vida vivida: “[...] nossa memória seria, portanto, uma memória não factual. Seria uma memória de vida vivida. Sempre com novas interligações e configurações, aberta a associações [...]” (OSTROWER, 2014, p. 19).

Inspirei-me em minhas próprias memórias, na energia dos ateliês do Instituto de Artes e na sala de ciências do meu colégio de infância – lugares que me instigaram à ação, à experimentação e à descoberta. Para isso, trouxe painéis, amostras de impressão botânica, livros e pigmentos. Retirei do local todo e qualquer mobiliário extra e concentrei os materiais no espaço da frente do auditório, em uma grande mesa onde nos sentamos juntas e em

formato circular para a produção. Além disso, preparei kits para cada participante, com folhas recortadas no tamanho adequado para a atividade posteriores; potinhos com alúmen, madeiras recortadas no tamanho necessário – tudo em um saquinho costurado com tecido de reuso. Posicionei os kits nas cadeiras e escrevi um bilhete para cada uma. O intuito era valorizar a participação individual e posicioná-las no espaço para a partilha.

Além do espaço físico, preparei uma lista de músicas especial para o curso e uma mesa com café e lanches. Minha preocupação era tornar o ambiente o mais agradável e seguro possível para facilitar o processo e as trocas entre as desconhecidas. Por esse mesmo motivo também que escolhi inicialmente o auditório e não o espaço aberto do Jardim. Queria que elas se sentissem seguras e tranquilas para criar e refletir.

Figura 18 – Detalhes dos preparativos da oficina



Fonte: arquivo pessoal de Nickole Monfron e Lilian Maus (2022).

5.2.3 Experiência

As participantes foram chegando aos poucos, eram todas brancas e tinham entre 20 e 50 anos. A maior parte já era formada no Ensino Superior ou estava se formando e tinha grande relação com a educação e o meio artístico. Cinco das sete participantes estavam estudando no Instituto de Artes da UFRGS na época ou tinham se formado nele. As outras participantes eram uma pedagoga e uma bancária, que estava transicionando de profissão. Todas eram de classe média ou classe média alta e residentes em Porto Alegre. A única participante que não era residente de Porto Alegre não conseguiu transporte da prefeitura e desistiu do curso.

A maior parte das participantes afirmou já conhecer o Jardim Botânico, mas frequentá-lo bem menos do que gostaria. Algumas das participantes se perderam no início do curso, justamente por conhecerem pouco o espaço. Embora diferentes na personalidade, o perfil homogêneo das participantes foi um elemento que me chamou atenção e foi decisório para que eu quisesse repetir a experiência também em outro contexto posteriormente.

Figura 19 – Início da oficina



Fonte: arquivo pessoal de Lilian Maus (2022).

Logo de início, as participantes demonstraram grande interesse na temática e uma grande capacidade de abstração. Além disso, também demonstraram uma atitude positiva em relação ao espaço, o que facilitava a construção de uma comunidade de aprendizagem com “[...] participantes ativas e não consumidoras passivas [...]” (HOOKS, 2017, p. 26).

No primeiro momento, o de apresentação, todas demonstraram já gostar muito de plantas e se relacionar com elas de maneiras diferentes, através da fotografia, do jardim da mãe, ou do próprio trabalho artístico-educativo. Como resgato na fala das participantes A, E e D:

A: - Olha eu fiquei assim, eu, é me chamou muita atenção quando tu abriu essa oficina porque era exatamente o que eu queria procurar assim na minha aula, lá... É a questão da natureza pra mim sempre foi um trabalho assim que eu gosto também de fazer umas imersões assim né? E também vou aplicar isso numa turma que eu vou fazer estágio [...]. Então é maravilhoso, que é que as plantas tem uma comunicação. Elas se comunicam por pela terra e até mesmo pela questão... Vou trabalhar com desenho cego a partir também da planta, né? Então tem toda uma questão que a gente tem que um ritmo que a gente tem que estabelecer com com esse com a raiz, com a planta, com foi um processo muito lento quase, um aspecto meditativo, né? E é realmente né? Então tem tudo a ver com aspecto também pra mim feminino, né? Porque a gente até a questão de cortar a planta tem que ser momentos da lua, né?

E: - Mas eu nem tinha pensado muito além, assim do que, agora estou bem entusiasmada porque sou, estudo pedagogia né? Então acho que é bem legal depois pra trabalhar com as crianças também, uma experimentação, é ciência né? Junto com arte então acho que é isso. Estou bem curiosa pra saber como vai ser.

D: - Eu sou a D, estou aqui pra ajudar a Betina e eu gosto de plantinhas. Eu gosto do Jardim Botânico, eu vim aqui na cadeira de fotografia, essas coisas assim, ah e mais pra fotografia do que qualquer outra coisa né. Eu gosto de arverers. E as árvores somos nós. É isso. Vou encerrar com esse poema. [risos]

Em seus relatos iniciais, as participantes também já demonstraram um grande respeito pela natureza e trouxeram em sua fala relatos de familiares e memórias de como a relação

com a natureza estava presente na história familiar – como podemos ver nas falas das participantes C e G abaixo. Também chamou atenção, nesse primeiro momento, uma manifestação de ansiedade. Relatos de ansiedade, depressão e violência de gênero foram, infelizmente, comuns em todas as oficinas realizadas nessa pesquisa.

C: - Então, meu nome é C, eu sou professora, fiz o Instituto de Artes, né? Há milhares de anos, licenciatura e bacharelado em escultura na época né. A minha mãe também fez o Instituto de Artes e o meu sobrinho também. [...] Então a família é meio assim, e eu tenho ateliê também que tem aula com crianças e professora há milhares de anos também em escola privada, né? Da rede privada. Eu tenho o meu jardim botânico em casa, né? E também participei das manifestações daqui da Fundação Zoobotânica [...]. E tenho uma relação bem legal com plantas e natureza, né? Ahm o meu filho faz agronomia, né? Que foi um presente pra mim assim eu acho. O meu avô também era agrônomo, ele ajudou a fundação da ETA né? Da escola técnica de agricultura agrícola, né? E é isso, quero poder imprimir as plantas.

G: - Meu pai, ele foi aluno na ETA. Quando ele era mais novo...

C: - É? Muito legal... O primeiro passeio do Ramiro meu filho foi na feira ecológica assim, né? Quando o médico liberou, eu já levei ele na feira ecológica.

[...]

G: - Eu sou a G, cheguei aqui atrasada hoje, porque pra mim tá aqui hoje, assim, é uma coisa bem importante, porque nesses dois anos, né, de pandemia eu também fiquei super isolada e eu tenho bastante problemas com ansiedade, estou trabalhando isso, então pra mim vir aqui foi um desafio também, assim, sabe que eu me desafiei e gosto muito de plantas assim minha mãe adora né, aí tem um jardim gigante, daí tem aquele cuidado, ela sempre me falou tipo, quando eu pego a planta pra fazer um chá, uma coisa, eu peço permissão pra ela.

Por último, ressalto o interesse inicial manifestado pelas participantes nos processos de fotografia experimental e tingimento natural, além das memórias de infância que as participantes trouxeram de experimentos na natureza.

B: - Quando eu vi aqui o teu kit eu lembrei duns papéis fotográficos que meu pai me deu com uma caixinha assim quando eu tinha uns cinco anos de idade e aí eu ia lá no

sol eu botava folhinha, a pedrinha né, e tal e aí fazia a imagem, só que aí aquilo sumia né, porque ficava voltava pro preto né e e aí eu gastei aquele bolo de coisa fazendo os elementos assim né e depois com o passar do tempo aí comecei a me interessar bastante por fotografia, e o que eu mais lido com a arte assim, é a fotografia e e aí eu comecei a me interessar sobre fotografia analógica né? [...] Da química, de como é a transformação, né? Acho que a memória da infância de ver aquele sol assim. E eu acho que esse processo aqui também é mágico né? Porque tu vai vendo a transformação das coisas e e vai vendo como que acontece esse processo e o resultado final. Pra mim, de repente o resultado final nem é o mais interessante, sabe? [...]

F: - Então eu sou a F, eu vim mais pela amizade né? Com a Betina e também, ahm, eu me interessei muito com isso, acho que a última vez que eu lidei com plantas foi quando eu pinte com suco de uva e com café, eu gosto. E esses dias eu encontrei os desenhos e eles tão com cores completamente diferentes, né? Aham. Gente, como é que pode? O roxinho virou tudo que é de uva, acho que vira marrom né? E daí eu fiquei, gente olha só, guardei uns anos na gaveta e mudou completamente de cor, acho tri massa. E uma vez eu também tingi uns trabalhos meus porque sou formada em moda também e eu tingi um tecido cru com o chazinho, daí ele ficou um cru mais escuro, assim, então eu tenho bem pouca ãhn experiência com essas coisas assim naturais, mas me interessei muito. [...]

Depois da apresentação da técnica e das participantes, procedemos para a fase da coleta, momento em que as integrantes do grupo percorreram o espaço e fizeram trajetos de sua escolha, selecionando folhas e flores. Nesse processo é possível se conectar mais a intuição, conforme Natalia Seeger (2018), sendo por isso também um momento profundamente criativo: “Os processos de criação ocorrem no âmbito da intuição. Embora integrem, como será visto mais adiante, toda experiência possível ao indivíduo, também a racional, trata-se de processos essencialmente intuitivos [...]” (OSTROWER, 2014, p. 10).

Figura 20 – Processo de coleta

Fonte: arquivo pessoal de Renata Milheiro (2022).

Foi muito interessante perceber como as características pessoais e artísticas de cada participante foram surgindo na coleta. A começar pela distribuição no espaço: as participantes que foram mais longe, as que optaram por ficar perto do auditório, as que se perderam, as que procuraram borboletas. As participantes manifestaram gostar muito dessa etapa e utilizaram expressões como “aventura” e “não dá vontade de parar” para definir o momento.

Figura 21 – Coletas realizadas pelas participantes



Fonte: arquivo pessoal da autora (2022).

Houve também quem se preocupou em não danificar a natureza em sua coleta, ou ainda em ser julgada e reprimida pelo guarda do Jardim Botânico. É interessante observar aqui a relação de posse que estabelecemos com a natureza, como provoca a autora Veronica Gago (2020, p. 100) “O que é ter um corpo? O que é ter um território?”. Quando que passamos a entender a natureza como propriedade privada de alguns? E quando que nos apartamos dela desconsiderando nossa interdependência?

Além de observar a relação das participantes com o espaço, também conversamos sobre o critério para a seleção das plantas e as relações que algumas participantes fizeram com características pessoais suas, como podemos observar nas seguintes falas:

B: - Eu gosto das coisas pequenas. Ou pequenas, ou gigantes.

F: - Eu estava com dó de cortar elas assim., então a gente eu fui pegando muitas que já estavam ruinzinhas. Não sei o que vai acontecer. Mas eu gostei dessa aqui que ela tipo ela está boa até um pedaço e depois ela está tipo só o caco.

[...]

B: - Então, olha, essa foi a única que eu peguei do chão. Já peguei tudo novinha, folhinhas pequenas e tal.

G: - Eu foquei em flores, né? Porque eu vi ela daqui daí achei ela muito linda. [...] Daí sei lá, cada lado que eu olhava tinha uma flor mais bonita, né? E aí eu pensei também em pegar algumas folhas que eu visse uma textura legal, e com cores diferentes também, pra misturar com as flores, né, e dar uma coisa assim. Mas acho que eu foquei em cores mais intensas assim daí eu fui lá onde tem aqueles capins ali onde tem as borboletas.

E: - Pois é, me dividi entre fotos e... [risos] folhas [...]

Eu: - Nossa que legal tu pegou uma raiz.

E: - É. Queria ver a gravação bem delas assim. [...] E eu fiquei com pena de cortar, também. [...] Aí eu criei coragem, essa era peludinha, que tu falou. E foi isso assim.

A: - Eu fui atraída pelas cores, texturas e cheiros assim. Foi variando, né?

Eu: - Os cheiros?

A: - Principalmente, né? O cheiro me atrai e sentir essas essas coisinhas da, é a textura das coisas. [...] É e os frutinhas, super me chamaram atenção.

Eu: - Como é que foi a seleção aqui gurias, sei que vocês que vocês fizeram juntas, mas qual foi o critério?

D: - Foi "fofinhas", "flores rosinhas geladas". Sem comer! (risos) Mas é... A gente tentou procurar por textura, mas assim, o que é o que a gente vai mesmo é as cores né?

É interessante observar, nesse ponto, como os relatos despertavam a consciência para cada participante, que ia aprofundando o conhecimento sobre seu processo à medida que a

partilha progredia. Fayga Ostrower (2014, p. 10) também relaciona os processos de autoconsciência à relação com a natureza: “Entende-se que a própria consciência nunca é algo acabado ou definitivo. Ela vai se formando no exercício de si mesma, num desenvolvimento dinâmico em que o homem, procurando sobreviver e agindo ao transformar a natureza, se transforma também [...]”.

Na etapa de composição, as participantes foram atentas e concentradas. Utilizaram também pigmentos naturais, além das folhas coletadas para enriquecer as composições. De minha parte, disponibilizei pigmentos também para garantir a formação de alguma imagem nos papéis e não frustrar totalmente as participantes caso o cozimento não revelasse as formas das folhas e flores. Ideias de controle da produção, de erro e acerto, foram também uma constante no grupo, como demonstro na conversa a seguir. Perguntas contínuas sobre cozimento e quantidades exatas de alúmen na água também demonstraram essa preocupação do grupo. Por mais abertas e artísticas que as mulheres do grupo fossem, a grande maioria queria “bons” resultados ao final, e isso reflete uma questão cultural de nossa sociedade orientada ao resultado final e não ao processo. “Culturalmente seletiva, a sensibilidade guia o indivíduo nas considerações do que para ele seria importante ou necessário para alcançar certas metas de vida [...] (OSTROWER, 2014, p. 17).

Figura 22 – Processo compositivo das participantes



Fonte: arquivo pessoal de Lilian Maus e Nickole Monfron (2022).

B: - Ai, ai. Não sei se elas vão ficar assim, mas enfim.

Eu: - A gente tenta... Gente, aqui acontece também, é importante, eu sei que vocês fizeram as composições com todo amor e carinho. Agora a transformação não é mais nossa, né?

B: - Já to me trabalhando... [risos]

Eu: - Então, por mais que a gente tenha se dedicado, vira outra coisa...

F: - Que nem a pintura da cerâmica, né? Descubra, né?

A: - Uhum!! Queime descubra.

H: - Isso quando não estoura a cerâmica dentro do forno...

A: - As queimas alternativas também eu faço, bah é um desapego...

Durante as composições, as participantes foram orientadas a separar uma de suas doze folhas para um trabalho coletivo; uma composição e cozimento coletivo. Foi interessante observar como elas faziam essa escolha e reflexão, entre um trabalho para se desapegar e algo a contribuir para o conjunto. Em geral, esse grupo buscou escolher sempre uma de suas melhores composições; foi bastante generoso, ou como disse uma das participantes: “[...] se deixou enriquecer pelo coletivo.”. O resultado pode ser visto abaixo.

Figura 23 – Composição coletiva



Fonte: arquivo pessoal de Alice D’Almeida (2022).

Depois das composições, cada uma montou uma espécie de livro, formado pela pilha de papéis sobrepostos e madeiras, – em cima e embaixo – e demos sequência ao processo de amarrações. Foi muito interessante ver como as participantes foram geralmente se organizando em duplas para essa parte, saindo de um processo interior compositivo e se voltando para o coletivo.

Após a montagem dos livros e das amarrações, tivemos novamente uma conversa coletiva, desta vez sobre cozimento. O grupo era extremamente interessado e fazia várias considerações e relações a partir dos elementos naturais, como podemos ver na conversa a seguir. É interessante observar como o conhecimento é compartilhado entre as participantes, uma agregando a fala da outra.

H: Eu só não trouxe urucum pra abrir e fazer na hora...

A: Ahhhh

H: Porque eu vou ter que usar lá na.... E agora eu não vou conseguir coletar lá no sítio em tempo. Não está na época

E: Como é que é o Urucum?

A: Ele é lindo, eu adoro!

E: Eu conheço só o em pó assim...

Eu: Eu não tenho certeza o que é, ou se é o urucum, mas parece bolinha, assim?

E: É aquele que os indígenas usam?

A: É pra repelir insetos, mosquitos...

E foram muitos os momentos assim de troca sobre elementos e também sobre processos químicos atrelados ao alumínio, sulfato ferroso, ao tanino existente nas folhas, a vaporização e a queimas artesanais. É interessante observar como arte e ciência se misturam nessas conversas, ligam-se os pontos e promovem-se novas conexões, ou, nas palavras de Dalmaso e Vilela (2019): artes e ciências podem dançar juntas.

Talvez seja o modo como ciências e artes possam se produzir, nessa proposta: o que respinga uma à outra, o que contamina uma à outra, o que experimenta uma à outra, e se comunicam a partir de seus próprios mundos heterogêneos? Colocá-las, ambas, a dançar, trocando partículas por entre seus envoltórios, suas linguagens, gestos e procedimentos específicos (DALMASO; VILELA, 2019, p. 154, 2019).

Ao fim do diálogo, todas as participantes optaram por fazer o cozimento em casa e retornar no próximo encontro com os resultados. As orientações sobre o cozimento foram feitas em aula e também pelo grupo do WhatsApp.

Para finalizar o dia e fazer o fechamento, nos sentamos em roda, do lado de fora do auditório, no Jardim Botânico. Convidei as participantes a compartilharem seus sentimentos gerais do momento, do dia, memórias que surgiram a partir do processo e também se havia alguma etapa em que elas haviam se conectado mais do que outra. Os relatos de fechamento foram extremamente ricos, as participantes relacionaram o processo do dia com resgate de força interior, memórias de infância, energias, bruxarias, esperança, entusiasmo e coletividade. Os relatos são tão interessantes que valem ser trazidos aqui na voz nas participantes:

G: - Eu acho que, pra mim, a natureza, ela sempre me lembra de ser eu mesma assim, sabe? E acho que o que eu estava falando antes da minha ansiedade né? Tem muito a ver assim com as expectativas dos outros sobre mim né? Então quando eu estou assim

em contato com as plantas e com a natureza eu me lembro que eu não preciso, estar correspondendo essas expectativas. Eu posso só estar, tipo, só na minha. Olhando as plantas, olhando o que que eu acho bonito, né? Tipo com o olhar na direção que eu quero e não o que os outros querem. Então eu me conectei muito a isso assim durante a aula de hoje. Então foi muito legal pra mim.

F: - Eu me conectei muito com a minha infância, assim, que eu estava contando pra vocês. Era algo que eu gostava de fazer, de ir pro pátio e eu brincava muito naquele pátio. Então daí depois que a gente é adulto, mora em apartamento, é difícil, né? Aí quando vai passear num parque é tipo na Redenção e tal, tu não fica atento a olhar coisas artísticas né? [...] Então foi muito legal isso, porque daí eu acho que as escolhas que eu fiz hoje se assemelham as escolhas que eu fazia quando eu era criança. Que era tipo, olhar e ver o que que gostava e eu achava bonito e fui recolhendo. Então eu gostei disso, eu gosto muito de explorar assim e olhar os detalhes das coisas e eu sou apegada às coisas também. Tinha uma folhinha no chão, ah, não! Ah! Mas a folhinha, sabe? Eu vou pegar ela, vai que vai que vai ser legal! Então é isso! Eu gostei muito de brincar assim na escolha.

D: - Quando eu era criança eu ia na casa da minha amiga e a gente pegava um baldinho desses de praia assim sabe? E a gente pegava umas folhas de árvore e botava a água da piscina. E a gente deixava no sol. E achava que era chá, sabe? E tomava meninas! (risos) Estou viva ainda já. Ainda estou viva. O cloro, estava tudo ali pertinho, sabe? A árvore, o balde, a piscina, as folhas... Ai... É, mas é isso assim, né?

B: - Tu tomava uma espécie de floral, né?

D: - Uma espécie.

F: - Pequena bruxinha.

D: - É. Fazendo a poçozinha.

[...]

A: - Eu eu curti muito, assim, o caminhar, o buscar... E aí quando eu achava que não tinha mais nada interessante, ao invés de ficar frustrada, é ter essa confiança de que, mesmo que eu meu mental ache que não tem mais nada para ser explorado, tem. É só continuar caminhando né? A mesma coisa na composição quando eu achava que tinha alguma coisa assim, bah ficou muito “bleh”, uma coisa muito básica, não senti nada,

não gostei. De não entrar nesse sentimento ali de “bah não tem mais nada que frustração” e agora dar o tempo da coisa, né? E daqui a pouco aparece uma novidade, uma coisa que tu não esperava. Eu acho que eu tinha esquecido isso, na minha vida como um todo. Tipo, chega numa coisa assim que parece que é cinza. Que nós estamos aqui, não tem mais pra onde ir e tal, e calma dá o tempo. Continua caminhando mas acima de tudo a atitude interna do entusiasmo. Que é uma coisa que a criança sabe fazer. Ela está sempre entusiasmada, né? Com as coisas. Porque pra ela tudo é novo, pra criança. E aí a gente é adulto, a gente acha que já viu de tudo, que é assim mesmo, que, né? Ah eu já sei que a minha composição é essa mesmo. Não. Dá o tempo da coisa e daqui a pouco, vem uma novidade, sabe? Isso foi muito forte pra mim, hoje. Obrigada muito bom.

[...]

E: - Eu gostei de vários momentos assim. Eu gostei muito de colocar a mão na forma para misturar o coisinho, sabe? [se refere aqui ao alúmen] Porque às vezes quando a gente vai fazer alguma atividade, assim, ficar em grupo, não é uma coisa tão... É bem isso que as gurias falaram assim da criança que tá na água, sabe? Gostei bastante daquela parte. Gostei de poder explorar, no caso o Jardim Botânico mesmo, mas acho que em qualquer ambiente que eu for procurar as coisas. E gostei de ficar observando a cada uma, como ia compondo, sabe? Eu fui bem rápido, assim, então fiquei olhando. É legal ver o processo de cada um, como é que ia organizando, né. Enfim, isso... Estou curiosa agora pra ver o resto na verdade. A parte com mais expectativas, depois do cozimento.

[...]

B: - Olha, eu adoro sempre estar em contato com a natureza porque, realmente ativa a nossa memória, nossa ancestralidade, nossa infância. Então a gente volta, de forma crua a brincar. Coisa que a gente perde esse contato, esse fio da criação. É necessário então nos re-conectarmos. Eu vejo a natureza como sagrada. Ela me conduz, é ela que eu escuto, é dela que eu ouço esses chamados. Então foi muito interessante esse esse caminhar, todo esse processo assim. Eu ficaria imersa, sei lá, não sei, me perderia.

Eu: - Um final de semana inteiro?

B: - Se ficasse aqui, olha. E também assim, se fosse assim um lugar, Meu Deus do céu, eu já estaria pelada.

[risos]

B: - Não sei olha, andaria muito mais tranquila. Eu aceito tudo isso, assim. Então eu achei maravilhoso. Essa prática veio num momento, assim, que eu precisava. Um chamado mesmo pra gente ficar com mais vontade, tesão de viver, né? Enfim eu acho que re-conecta, ativa coisas energéticas da nossa vida. Gostei muito do grupo, cada uma com as mãozinhas, suas folhas, suas práticas... Achei muito singular, mas eu acho que tem uma conexão muito forte da natureza com a mulher. Assim, eu acho que nós temos tanto com a lua... Então, estamos aqui, estamos numa corrente tomando uma vibração muito boa e foi maravilhoso.

C: - Não, eu me perdi ali porque eu gosto de fotografia, né? Então ah aí eu estava olhando, acho que procurando mais fotos do que folhas, aí me dava conta que tinha que coletar, mas é legal né? Porque eu pego uma imagem pronta que eu componho na minha visão dela, né? Mas aí, eu fazer a imagem também é um desafio, né? Porque daí eu estou compondo os elementos. Então foi uma coisa legal de eu ser mais ativa nisso. Claro, quando a gente fotografa a gente compõe o ângulo, né? A luz, tudo... Mas aí, outra forma de registrar, né? O que se, a realidade. E eu sou, ao contrário da colega, sou desapegada assim, né? Não preciso pegar, eu deixo a folha e daí pego a imagem dela, né? [...] Porque aí é a impressão de outra forma.

Figura 24 – Conversa de encerramento



Fonte: arquivo pessoal de Lilian Maus (2022).

É interessante observar, nessa conversa final, como a participante “A” traz inicialmente um relato de vazio interno em relação à vida. Esse ponto é apontado por Ostrower (2014) como efeito de um processo de alienação provocado pelo capitalismo:

Há muito o ser humano vive alienado de si mesmo. [...] em vez de se integrar como ser individual e ser social, sofre um processo de desintegração. Aliena-se de si, de seu trabalho, de suas possibilidades de criar e realizar em sua vida conteúdos mais humanos [...] (OSTROWER, 2014, p. 6).

Aparentemente, processos criativos e artísticos como o da impressão botânica vão na contracorrente dessa alienação. Singularidade, entusiasmo, magia e infância foram algumas das palavras-chaves utilizadas para definir o que as participantes estavam sentindo ao final do encontro. A impressão botânica, nesse grupo, parece ter despertado um certo encantamento pela prática e aprofundado relações com a natureza de uma maneira quase metafísica. No texto de Dalmaso e Vilela (2019) encontro uma definição que poderia se aplicar a este grupo específico:

Escrevemos por entre folhas, catando-as, manuseando-as e cheirando-as. Extraímos palavras consideradas mágicas, aquelas que tomam a “potência

mágica” (STARHAWK, 1997⁵), as quais, talvez, não sejam palavras ‘confortáveis’ aos nossos sentidos rotineiros, porque não soam tão aceitáveis, racionais e científicas. (DALMASO E VILELA, p.154, 2019).

5.3 SEGUNDO DIA

Neste capítulo conto sobre as adaptações que precisei realizar no planejamento das oficinas, conto como foi a experiência e a finalização do curso.

5.3.1 Adaptações e Preparativos

Logo no início da primeira oficina, observei que as participantes tinham alta capacidade de abstração, e que todo assunto ou proposta lançada trazia uma série de relações e aprofundamentos. Dessa maneira, algumas atividades, especialmente a introdutória de monotipia, foi suprimida no primeiro dia para que não passássemos demais do tempo previsto. O mesmo aconteceu no segundo dia em que cancelei a parte expositiva dialogada sobre o processo, após verificar que as participantes prefeririam revisar o conteúdo em conversa e passar mais tempo ao ar livre fazendo a oficina. Dessa maneira, aproveitando que o jardim estava mais vazio, preparei o ambiente do lado de fora em um círculo com cadeiras, cangas e materiais para que passássemos a maior parte do tempo da oficina ao ar livre.

Adaptações de espaço e das atividades propostas são muito importantes para manter as aulas dinâmicas e com engajamento dos alunos, conforme (HOOKS, 2017, p. 17), “[...] não seria possível gerar o entusiasmo sem reconhecer que as práticas didáticas não poderiam ser regidas por um esquema fixo e absoluto. Os esquemas teriam de ser flexíveis, teriam de levar em conta a possibilidade de mudanças espontâneas de direção [...]”.

⁵ STARHAWK, M. S. *Dreaming the dark: magic, sex, an politics*. Boston: Beacon Press, 1997

5.3.2 Experiência

As participantes chegaram ainda mais animadas para o segundo encontro, carregando suas produções na mão, e já querendo falar sobre elas antes do encontro começar efetivamente.

Sentadas em roda, começamos a partilha efetivamente, cada uma contando como havia feito seu cozimento – se a vapor ou por imersão, qual fixador havia usado, por quanto tempo cozinhou e se adicionou algum corante na água ou não. Também mostravam os resultados obtidos e o que haviam gostado, ou não.

Figura 25 – Partilha dos processos



Fonte: arquivo pessoal de Alice D'Almeida (2022).

Enquanto mostravam seus trabalhos, as participantes iam fazendo associações, do que identificavam ou imaginavam em seus trabalhos: papel de carta, paisagens, formas de flores e folhas. Também tentavam identificar quais folhas e flores haviam pego e em que parte do

Jardim Botânico, cartografando suas relações com o território. Essas associações apareceram na produção seguinte, mostrando o vínculo da partilha com a criação: “As associações nos levam para o mundo da fantasia (não necessariamente a ser identificado com devaneios ou com o fantástico). Geram um mundo experimental, de um pensar e agir em hipóteses [...]” (OSTROWER, 2014, p. 20).

Nesse segundo encontro fiz menos mediações. A partir da partilha no grupo, li uma página de um dos textos de Emanuele Coccia sobre folhas para inspirar as participantes e pedi que elas escolhessem um dos papéis recém impressos para fazer um exercício criativo, finalizando-o. Ofertei novamente os pigmentos naturais e também cola, tesoura, revistas, outros papéis, aquarela tinta guache, além de pincéis e canetas. A ideia era que, como estava lidando com um grupo de artistas, elas mesclassem a impressão botânica às suas próprias técnicas. Foi uma tarde de muitas trocas entre as participantes que contavam histórias de vida, referências de livros e se auxiliavam na utilização de materiais. Em meio a essas trocas, uma das participantes (que tinha levado seu oráculo) tirou uma carta para saber a energia do grupo. A carta sorteada foi da deusa da criação. Essa foi uma tarde em que as participantes conversaram sobre seus processos criativos – mas não só, falaram também sobre sua relação com a natureza, sobre a relação com seus pais, sobre o que gostavam de fazer. Derivaram sobre diversos assuntos conforme era de sua vontade enquanto desenhavam, pintavam e escreviam em suas impressões botânicas. Como Dalmaso e Vilela (2019) trazem, formaram um mesmo grupo, um ser coletivo e singular ao mesmo tempo.

Um ser-devirações que, divulgando previsões, modulações em forma de perguntas-problemas, convoca as pessoas ao pensamento, ‘cata’ dentro de si pistas para mundos possíveis e respiráveis, num *continuum* que a floresta pode nos propor: matéria viva, orgânica, inorgânica, berçário de espécies diversas, nascedouro de pensamentos dissonantes e modos de existir mais desacelerados, silenciosos, misteriosos e pulsantes (DALMASO; VILELA, 2019, p. 156).

Figura 26 – Novas produções e carta do tarô das deusas



Fonte: arquivo pessoal de Alice D'Almeida e Betina Nilsson (2022).

5.3.3 Finalização

Cada participante escolheu seu material preferido e fez uma ou mais composições. Fotografamos as participantes com suas produções e abrimos mais uma vez a roda para a partilha e reflexões finais.

Figura 27 – Produções finais (exemplos)



Fonte: arquivo pessoal Ayla Yasmin Dresch e Nickole Monfron (2022).

As participantes fizeram relatos de encantamento pela natureza e pelos encontros entre mulheres, demonstrando vontade para mais encontros como esse, “mais livres”, com “poética” e ao “ar livre”, em suas palavras. Passamos do tempo previsto para o término da oficina, e se não fosse o horário de fechamento do Jardim, certamente ficaríamos mais tempo ali. O encantamento foi marcante nesse segundo encontro e, de alguma maneira, o grupo evitava se desconectar dessa experiência.

Temos nos apaixonado por nuvens, por árvores, por híbridos sem rosto, por cores, movimentos, letras bagunçadas, pela desobediência alegre das crianças, pelos cantos sonoros de pedras, pelos fazeres de uma ciência que se permite dançar em meio aos vínculos que traça [...] (DALMASO; VILELA, 2019, p. 157).

Para o fechamento, abrimos juntas a composição coletiva que eu havia cozinhado e trazido fechada para o encontro. Também distribuí ovos decorados com impressão botânica para as participantes – aproveitando que era páscoa e remontando a uma das possíveis origens da impressão botânica.

Figura 28 – Finalização do curso



Fonte: arquivo pessoal de Nickole Monfron e Renata Milheiro (2022).

6 OFICINA DE IMPRESSÃO BOTÂNICA NA AFASO

Neste capítulo relato a oficina de impressão botânica na AFASO. Explico sobre o contexto de realização da oficina, assim como as experiências do primeiro e segundo dias de curso.

6.1 CONTEXTO

Essa oficina fez parte do programa Projeto Moda & Arte, desenvolvido pela artista Márcia Souza em parceria com o Instituto Renner e a Afaso (Associação Famílias em Solidariedade), junto à comunidade de Bom Jesus, em Porto Alegre. Para fazer parte do programa, a oficina sofreu algumas adaptações, a começar pela troca do substrato – de papel para tecido – e por uma abordagem mais técnica da impressão botânica, quase instrucional, para as participantes. A ideia do projeto promovido pelo Instituto Renner era de que, depois das oficinas, as participantes pudessem replicar os conhecimentos na realização de produtos vendáveis. A impressão botânica, no caso, se aplicaria para a confecção posterior de bolsas. Inicialmente a oficina seria realizada também no Jardim Botânico, junto ao projeto educativo da exposição Reviver. Dessa maneira, a divulgação aprovada inicialmente foi a seguinte:

Quadro 3 – Divulgação da Oficina de Impressão Botânica na Afaso

Oficinas Impressão Botânica para Mulheres

O que podemos aprender com as plantas ao nosso redor? Que histórias elas podem nos contar? Como podemos reaproveitar roupas e histórias para impressão botânica? Vamos descobrir juntas o poder de impressão das plantas que habitam o Jardim Botânico. Aprenderemos sobre a técnica, contexto e possibilidades através da experimentação e trocas entre as participantes. A oficina é direcionada à mulheres adultas, negras, indígenas, brancas, cis ou

trans. Na vivência, iremos abordar a relação entre mulheres, plantas, território e memória através da impressão botânica.

O projeto iniciou com uma primeira visita à exposição Reviver no Jardim Botânico. Nessa ocasião, foi feita uma dinâmica de apresentação com as participantes e as professoras do curso, mediada por uma psicóloga. Nesse dia aconteceram problemas com a entrada gratuita das meninas no parque e, ao fim, a organização do curso acabou pagando as entradas. Sem subsídio para a entrada gratuita, as oficinas de impressão botânica passaram a ser realizadas na AFASO, assim como as demais oficinas propostas no programa.

Nesse dia de apresentação, tive a oportunidade de me conectar com o grupo, composto por 10 meninas entre 13 e 16 anos. Além dessa maioria adolescente, participava do grupo também um menino de 13 anos e a mãe de uma das participantes que tinha em torno de 35 anos. Com algumas participantes obviamente consegui conversar um pouco mais do que com outras. Eram meninas negras, indígenas e brancas de classe média baixa, que moravam na comunidade Bom Jesus e frequentavam o Ensino Médio.

Figura 29 – Visita a exposição Reviver do grupo Moda e Arte



Fonte: arquivo pessoal da autora (2022).

Depois, com início das aulas, somou-se ao grupo cinco mulheres do Centro de Referência da Mulher Casa Lilás de Gravataí. Este sub grupo era composto de mulheres entre 30 e 50 anos, brancas, negras e indígenas em situação de vulnerabilidade.

É importante dizer também que as oficinas de impressão botânica se encaixaram como uma atividade extra dentro do projeto Moda & Arte que, nesse último semestre, focou na construção de bijuterias e acessórios em tecido. Dessa maneira as participantes tinham aulas semanais às terças e em duas sextas retornaram à Afaso para as oficinas de impressão botânica. Também, assim como na oficina realizada no Jardim Botânico, não tivemos autorização para utilizar a cozinha já que a mesma era usada para fazer os lanches da tarde. Sendo assim, decidi cozinhar em casa e retornar os tecidos para as participantes na semana seguinte.

Considerando todos esses fatores, as oficinas sofreram várias adaptações metodológicas. A súmula dos dois encontros e a lista de materiais ficaram, então, da seguinte maneira:

Quadro 4 – Lista de materiais da oficina de Impressão Botânica na Afaso

Lista materiais:

- Pedra Hume em pó - 120g
- 1 rolos de barbante grosso
- 6m de tecido
- Panela
- Folhas
- Cilindros
- Bambus

Quadro 5 – Súmula da oficina de Impressão Botânica na Afaso

<p>Súmula:</p> <p>Dia 1:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Introdução a Impressão Botânica - o que é, história, contexto, artistas e curiosidades sobre a técnica (apresentação) - Bate-papo para dúvidas e compartilhamento de experiências com plantas - Prática de impressão botânica - parte 1: escolha das folhas, flores, raízes, e etc, preparação dos materiais - Trocas sobre o território e memórias associadas - Prática de impressão botânica - parte 2: composição, montagem e amarração dos pacotes de impressão - Trocas sobre o processo e memórias associadas
<p>Dia 2:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Conversa sobre o processo e memórias associadas - Revisão do método - Prática de impressão botânica - parte 3: abertura dos materiais - Finalização da impressão botânica e do trabalho. - Confeção de carimbos com material de reuso - Partilha dos resultados - Conversa final e fechamento

6.2 PRIMEIRO DIA

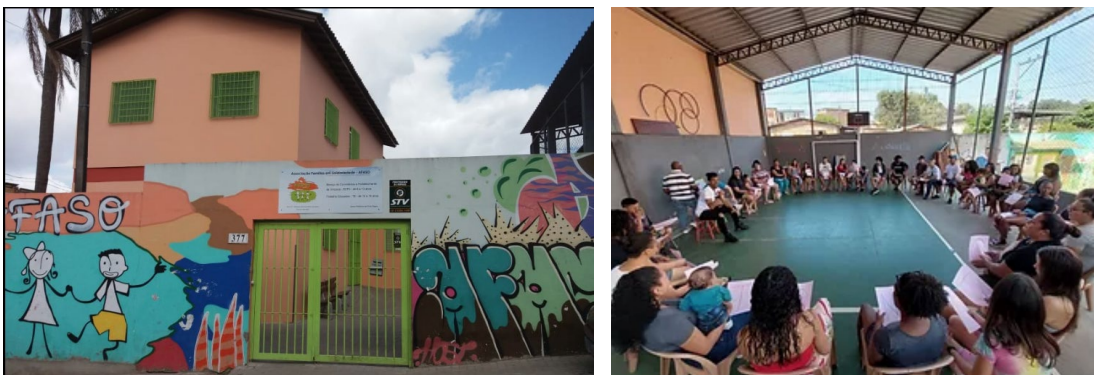
Nesta parte do trabalho conto sobre como era o lugar onde a oficina aconteceu, também os preparativos necessários para sua realização, e as experiências do primeiro dia.

6.2.1 Lugar

A Afaso (Associação Famílias em Solidariedade) é uma ONG ligada ao Movimento dos Focolares, proveniente da Itália e do movimento leigo da Igreja Católica, que tem como figura central Chiara Lubich.

Na Bom Jesus, se localiza no número 377 da Rua A da Vila Nossa Senhora de Fátima, perto da escola Nossa Senhora de Fátima, e existe desde 1994, quando acompanhava famílias indicadas pelo posto de Saúde da PUCRS e promovia atendimento familiar, rodas de conversa e oferecia cestas básicas. Atualmente a ONG conta com uma casa de dois pisos e quadra de esportes atendendo mais de cem crianças e adolescentes no contraturno, oferecendo, além de alimentação, diversas oficinas de dança, esportes, artesanato, informática e formação cidadã. Sua atuação acontece em parceria com a FASC (Fundação de Assistência Social e Cidadania) – atendendo adolescentes, oferecendo cursos voltados à inserção no mercado de trabalho. Além da FASC, a organização conta com o apoio de várias empresas da região e participa de editais diversos.

Figura 30 – Sede da Afaso



Fonte: site da Afaso (2022).

6.2.2 Preparativos

Perto da data da oficina, soube que não seria recomendado às participantes do curso fazerem a coleta na rua, tanto por medidas protetivas de algumas delas quanto por perigos da própria região. Essa restrição não é trivial; ela significa mais uma violência sofrida por mulheres em situação vulnerável, como nos aponta Gago (2020, p. 85): “As novas formas e violência se traduzem em uma intensa segmentação de espaços hierarquizados a partir de acessos diferenciados a segurança, o que promove uma ‘guerra-civil’ pela defesa da propriedade em bairros periféricos [...]”.

Para emular a coleta, levei uma caixa com grande diversidade de folhas que coletei no Parque da Redenção, além de vários materiais para novamente tentar montar um mini-laboratório. Como a técnica desta vez seria aplicada em tecido, precisei cortar, lavar e amordantar o tecido na noite anterior, de maneira a conseguir levá-los ainda úmidos para a Afaso.

Por não conhecer a sala em que eu daria a aula, cheguei bem antes para organizar o espaço da melhor maneira possível. Liberei uma grande mesa do centro e retirei algumas cadeiras e caixas para ganhar espaço. No centro da mesa coloquei as folhas coletadas e, nas laterais, amostras de impressão botânica para ativar a curiosidade das participantes. Era bem menos espaço do que teríamos inicialmente no Jardim Botânico para o dobro de participantes, mas tentei fazer o possível para aproximar a sala de um laboratório. Criar o ambiente da oficina parece-me muito importante enquanto docente, para criar uma sala de aula enquanto promessa de possibilidades (HOOKS, 2017).

Figura 31 – Organização da sala da AFASO



Fonte: arquivo pessoal da autora (2022).

6.2.3 Experiência

No primeiro dia, algumas alunas chegaram mais cedo e estavam presentes na sala antes da oficina começar, comportamento que depois eu descobri não ser tão comum. Dessa maneira, fomos conversando e elas foram me contando de sua vida, como haviam chegado até a Casa Lilás. Histórias difíceis de recontar e reescrever, mas foi assim que descobri que algumas das participantes estavam antes em situação de rua, de dependência química e de extrema violência. Veronica Gago (2020) citando Silvia Federici (2017), relaciona isso a:

[...] um estado de guerra permanente contra as mulheres” em que o denominador comum é a desvalorização da vida e do trabalho impulsionada pela globalização. A guerra contra as mulheres (bruxas, curandeiras, mães-solo e todas aquelas catalogadas como heréticas por seus modos de vida) como a caracterizou Federici é assim o momento originário que se repete em cada nova fase de “acumulação primitiva” do capital [...] (GAGO, 2020, p. 75).

Gago, através de Silvia Federici, traduz a violência contra mulheres como um estado de guerra permanente. Estabelece uma ligação entre a perseguição às bruxas na Europa, e a escravização de mulheres negras nas Américas e relaciona essa violência aos efeitos do

capitalismo. O que vemos nos noticiários hoje, e as experiências relatadas pelas mulheres da Casa Lilás, não são casos isolados; fazem parte de uma rede de repetição temporal da violência de gênero que ganha ainda mais força de acordo com a raça e a classe social a qual as vítimas pertencem. Conforme Gago (2020, p. 95):

“Há uma novidade, inclusive em sua repetição. A guerra assume novas formas, roupagens desconhecidas [...]. A metáfora têxtil não é casual: seu tecido principal nesses tempos é o corpo feminino. Texto e território de uma violência que se escreve privilegiadamente aí”.

Inicialmente, a turma pareceu bastante quieta, desconfiada e apática; as participantes respondiam de maneira rápida a qualquer questionamento e não tinham muita iniciativa em trocar ou repassar materiais e amostras. Trago aqui um paralelo com Hooks (2017, p. 113) que aponta, “[...] os grupos marginalizados raramente precisam introduzir essa oposição binária na sala de aula, pois em geral ela já está em operação [...]”. Apesar de minhas tentativas de estabelecer uma relação de horizontalidade, pude compreender que isso não seria possível, nem aceito. Já existia uma binaridade estabelecida, e eu era a outra, branca, privilegiada e com formação acadêmica. A horizontalidade, nesse caso, seria uma mentira, mas eu poderia, sim, tentar formar laços verdadeiros com as participantes e diminuir progressivamente a verticalidade dentro do espaço-tempo.

Acredito que inicialmente elas estranharam a organização da sala e a minha postura. Insisti bastante em olhar nos olhos e buscar a fala de cada uma. Mas percebendo a desconfiança, me concentrei em apresentar a técnica e os materiais buscando ativar a curiosidade pelo tema que iríamos discutir. Novamente hooks auxilia a entender em sua reflexão o que estava acontecendo nesse momento: “Aprendi a respeitar o fato de que mudar de paradigma ou partilhar o conhecimento de maneira nova são desafios; leva tempo para que esses alunos sintam esses desafios como positivos [...]” (HOOKS, 2017, p. 60).

No segundo momento da oficina, o da prática, tudo fluiu melhor. Divididas em duplas ao longo da mesa, elas receberam os tecidos e foram montando as composições com as folhas e os pigmentos naturais. Percebi, naquele momento, um interesse grande da turma, especialmente nos pigmentos naturais que conseguiram reconhecer rapidamente quais eram. A turma se comunicava através de suas composições e criações: “Toda forma é forma de comunicação ao mesmo tempo que forma de realização. Ela corresponde, ainda, a aspectos

expressivos de um desenvolvimento interior na pessoa, refletindo processos de crescimento e maturação [...]” (OSTROWER, 2014, p. 5).

Figura 32 – Mostras e composição



Fonte: arquivo pessoal de Marcia Rosa (2022).

A etapa seguinte, de amarração no tecido, exige que se bata nele antes, e foi algo que as participantes se divertiram muito fazendo. Vi que, nesse ponto especificamente, elas perceberam que poderiam se entreter na oficina, e foi bastante descontraído. No momento das amarrações também continuaram interessadas e fizeram relações com outras técnicas de tingimento natural. Expliquei para elas como eu faria o cozimento dos materiais em casa e retornaria na aula seguinte.

Além dos tecidos, levei também alguns papéis de aquarela para impressão botânica em papel. Não eram muitas as folhas, então pedi pra que fizessem em duplas. Elas adoraram compor no papel, talvez até mais do que no tecido.

No final da aula seguimos conversando um pouco mais e até tiramos uma foto coletiva. O clima estava mais leve, e as participantes estavam bastante alegres. Atingimos algo muito importante: o entusiasmo com as novidades. Como aponta bell hooks: “A sala de aula deve ser um lugar de entusiasmo, nunca de tédio. [...] a ideia de que aprender deve ser empolgante e até ‘divertido’ [...]” (HOOKS, 2017, p. 16).

Entre os dois encontros, gravei vídeos em minha cozinha explicando o processo de cozimento e pedi para que fosse encaminhado no grupo da turma. Esses vídeos foram uma

boa forma de manter o vínculo e o engajamento das participantes nas duas semanas entre um encontro e outro. Além de mandar o vídeo, pedi para que elas coletassem e levassem uma ou mais folhas que tinham em sua casa ou em sua rua para a próxima aula.

Para o segundo dia tive o cuidado de levar os tecidos ainda úmidos e os “pacotes” fechados, para que elas pudessem vivenciar a surpresa de abrí-los.

Figura 33 – Cozimento dos tecidos



Fonte: arquivo pessoal da autora (2022).

6.3 SEGUNDO DIA

Neste capítulo falo sobre as adaptações que precisei realizar para o segundo dia de oficina, também relato sobre as experiências e reflexões a respeito do dia e sobre a finalização do curso.

5.3.1 Adaptações e Preparativos

No segundo dia preparei novamente a sala como um pequeno laboratório – dessa vez sem as folhas no centro da mesa, mas com uma mesa lateral de apoio repleta de carimbos manuais e materiais para fazer carimbos (para a segunda parte da aula). Também posicionei panela e amostras em locais estratégicos da sala.

Logo percebi que a maior parte das meninas da Afaso trouxeram plantas e folhas de suas ruas ou casas, já as da Casa Lilás não. Achei uma coincidência nada trivial: essas mulheres estavam em um estado de transição, reconhecendo novamente o que era seu, e do que faziam parte, a começar do básico, seu próprio corpo. Gago (2020) traça um paralelo entre corpos e territórios e a importância de ser parte do todo para que se reconheça o que é nosso: “O que é ter um corpo? O que é ter um território? Em primeiro lugar esse ‘ter’ se dá em um sentido de que se é parte. Não se tem como propriedade, não se possui. Ser parte implica então reconhecer a ‘interdependência’ que nos compõe que possibilita a vida [...]” (GAGO, 2020, p. 109).

Figura 34 – Preparação segundo dia de oficina



Fonte: arquivo pessoal da autora (2022).

6.3.2 Experiência

Entendendo melhor o contexto, abri a oficina nesse segundo dia reiterando às participantes que o trabalho ali desenvolvido fazia parte de uma pesquisa, e pedindo autorização delas para gravar esse segundo encontro para posterior análise. Elas gentilmente concordaram e foi realmente muito bom ter gravado e poder escutar posteriormente essa aula, pois pude me dar conta de várias falas, detalhes e dinâmicas que não teria conseguido de outra maneira.

O início da aula foi novamente de conversa – dessa vez fui com perguntas mais fechadas a respeito do que elas tinham achado do processo e se haviam memórias, relações com outras técnicas que elas conhecessem. Surgiram alguns relatos bem interessantes, a maior parte das integrantes da Casa Lilás, que trago aqui.

I: - Gostei de tudo. Gostei de tudo, de todo o preparo do tecido, de colocar folha no tecido, colocar a pigmentação todinha eu gostei. Foi uma técnica que eu não tinha, eu não conhecia ainda, então pra mim foi bem assim foi uma experiência bem boa.

L: - Eu gostei de botar as folhas e colorir o pano. Achei muito legal. E sujar a mão de colorido também. Essa é uma experiência boa.

Eu: - É legal né? De usar os pigmentos?

L: - E folhas diferentes também.

J: - Na hora de colorir é legal, né? De pegar os pozinhos ali.

[...]

P: - Eu gostei.

Eu: - O que vocês gostaram bastante? [risos]

P: - De bater. [risos]

I: - Eu acho que é a hora da da de colocar a pigmentação no tecido foi uma hora assim que foi bem dinâmica porque todo mundo ficou sabe é ficou assim todo mundo colocando a sua pigmentação, fazendo as cores, colocar cores no tecido eu acho que chama muito atenção da gente. Então tava todo mundo trabalhando. Feliz, né? Eu senti isso, que tinha uma vibração boa. É. Quando a gente tava colocando a cor do tecido tava uma vibração bem boa, uma energia bem boa.

L: - Descobri a natureza, por que é importante as plantas também. A minha mãe tem planta lá bastante, mas não tinha tanta oportunidade de ver. Aqui eu aprendi.

I: - Aquela questão de colocar o barbante em volta da lata.

Eu: - Hm-huh.

I: - Aquilo ali me lembrou como eu já tinha te falado que eu fazia com com camiseta, com vestido de enrolar a o pano no no barbante e depois colocar na tintura. Uh-huh. E me lembrou essa parte aí.

Eu: - Ah é? É um processo parecido, né? E o que mais que vocês tavam falando aqui?

Q: - Ficou parecido com as roupas taidai que a gente já pegou um blusão meu e pintou.

É interessante observar, na fala das participantes, como elas estabelecem paralelos entre os acontecimentos da aula e de sua própria vida, aprendizados com a mãe, experiências com outras formas de tingimento. Ostrower (2014, p. 5) também anuncia esse laço: “O criar só pode ser visto num sentido global, como um agir integrado em um viver humano. De fato, criar e viver se interligam [...]”.

Também gostaria de destacar um dos momentos da prática que as participantes gostaram – o de bater o tecido, antes de enrolar e amarrar no cilindro. Olhando para o contexto do grupo e para a ação, ousou dizer que foi bastante simbólica, e trago aqui um trecho de Gago (2020, p. 109) que me ajudou a refletir sobre o momento: “[...] cada corpo é um território de batalha, um amálgama sempre mutante e aberto ao devir, um tecido que é agredido e que precisa se defender e que ao mesmo tempo se refaz nesses enfrentamentos, que persevera enquanto tece alianças [...]”. Bater o tecido juntas, ao mesmo tempo, em minha opinião, foi muito simbólico para essas mulheres, em um sentido de defesa e de exercício de poder, de retomada de força e estabelecimento de alianças.

Nesse momento, uma das participantes da Casa Lilás que não havia falado nada até então, aproveitou o espaço para fazer uma pergunta bastante simbólica.

M: - Tu trabalha com esse objetos que tão aí na exposição nos museus?

Eu: - Se eu faço isso?

M: - É.

Eu: - Eu não exponho em museu, mas eu faço coisas com arte. Eu já, enfim, participei de exposições e coisas assim, isso sim. Mas hoje em dia eu não sou uma artista famosa, então não tenho nada no museu.

[risos do grupo]

Percebi que a participante havia dado voz a um incômodo talvez coletivo, devido ao silêncio enquanto ela perguntava. O que estava fazendo ali? O que eu queria delas? Reiterei, no momento dessa pergunta, minha figura de privilégio e o quanto o universo da arte ainda está afastado da maior parte da população – o quanto o museu ainda não é visto como um espaço para todos, e o quanto eu precisaria de muitos encontros com aquele grupo para ganhar verdadeiramente a confiança dessas mulheres.

Depois do processamento inicial, resolvi fazer uma revisão da técnica com as participantes no quadro. Entreguei folhas decoradas e pedi pra que me auxiliassem na revisão. Ir para o quadro em uma oficina de dois encontros é algo que eu usualmente não faria, mas optei por inserir um código supostamente conhecido por elas na oficina, para que se sentissem um pouco mais seguras e também para mostrar o quanto havíamos aprendido na prática da última aula.

Percebi uma resposta positiva do grupo, elas estavam bastante confortáveis em copiar o quadro e interagir comigo nessa posição – até que uma das participantes me abordou, ela não sabia escrever. Naquele momento não achei outra solução do que copiar pra ela, ao que ela me respondeu: “Ah, copiar do quadro eu sei, não sei é escrever!”.

Eu esperava mulheres vulneráveis, mas me parece hoje que, até aquele momento, eu não havia compreendido a amplitude do que vulnerabilidade poderia significar. Essa foi uma das integrantes mais participativas na etapa anterior, mais generosa com o grupo também. Ela não sabia escrever. Novamente Gago (2020) me auxilia a entender a situação: a falta de acesso à educação faz parte da rede de violência contra as mulheres:

Nesse sentido, dar conta da pluralização das violências é uma medida estratégica: uma forma concreta de conexão que produz inteligibilidade e portanto permite um deslocamento da figura totalizante da vítima. Pluralizar não é apenas fazer uma quantificação de uma lista de violências. É algo muito mais denso: é um modo de cartografar sua simultaneidade e sua inter-relação, isto é conectar os lares desestruturados as terras arrasadas pelo agronegócio, as diferenças salariais e o trabalho doméstico invisibilizado [...] as mulheres que

praticam aborto á motivação racista de cada uma dessas violências (GAGO, 2020, p. 72).

Com uma certa dificuldade pessoal, eu segui com a aula, na revisão. As participantes estavam atentas ao quadro e respondiam às perguntas se lembrando da aula anterior. Uma das participantes se destacou nesse processo e fez várias perguntas. Mais um ponto de atenção aqui: a participante estava expandindo a técnica com perguntas muito inteligentes; no entanto, minhas respostas pareciam não a satisfazer, pois eu não respondia com certo ou errado, e eu a encorajava a tentar essas inovações que ela mesma sugeria. Nesse momento, me apoiei em Freire (1996, p. 52): “Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção [...]”. Durante o resto do dia, então, busquei dar uma atenção especial a essa participante para encorajá-la e valorizar o seu processamento e suas perguntas que foram ficando cada vez melhores.

Depois da revisão eu distribuí os "pacotes" tecidos que estavam enrolados e demos sequência a abertura dos "pacotes". A resposta que tive à abertura foi bastante diversa, um misto de curiosidade, empolgação e frustração. Abrimos também o pacote coletivo com os papéis; desse as participantes gostaram bem mais, no geral. Trago algumas falas aqui que resgatam esse momento:

Q: - A minha ficou ruim.

P: - Gente do céu! Credo quebrou a folha no meio.

R: - Olha isso aqui que legal sora.

S: - Olha o café não ficou esse azul aqui. É café.

P: - Meu Deus a folha chegou a ficar mole. É a da goiabeira! Olha só ficou super marcado! Dá pra fazer só com ela né?

S: - Deus, olha isso como ficou forte, parece que a folha tá aqui ainda,

[...]

T: - Aí não, né? Que que saiu aqui?

J: - Botou muito amarelo.

[...]

Eu: - Olha só que contra luz dá pra ver melhor ó! Vocês gostaram do resultado de vocês?

P: - Claro que não, deu nada com nada

[...]

O: - Ahh que lindo!

Eu: - Aham. Ficou, né? Eu adoro fazer em papel, eu acho muito legal.

O: - Ficou muito delicado.

Q: - Ficou tudo colorido.

J: - É uma revelação, né?

[...]

Eu: - E vocês acharam bonito ou estranho?

R: - Estranho. [risos]

S: - O meu ficou bonito.

Eu: - Achou bonito?

S: - Deu uma parte, né?

[...]

P: - Que que é aquilo, uma criança ali grandona.? (risos) Uma folha, uma folha.

T: - O meu parece que saiu tudo...

N: - O meu ficou bonito só de um lado.

Figura 35 – Momento de abertura segundo dia de oficina



Fonte: arquivo pessoal da autora (2022).

Em geral, foi interessante perceber como para parte do grupo a resposta era inicialmente negativa em relação ao próprio trabalho. Sem que tivessem referência do que era dar certo na impressão botânica, já afirmavam “deu errado, professora”. Ostrower (2014, p. 9) fala sobre esse fenômeno: “As formas de percepção não são gratuitas nem os relacionamentos se estabelecem ao acaso. [...] Sentimos também que de certo modo somos nós o ponto focal da experiência, pois ao relacionarmos os fenômenos nós os ligamos entre si e os vinculamos a nós mesmos.”. Em outras palavras, as participantes estavam julgando a si mesmas, dizendo que elas haviam feito a atividade de maneira errada.

Na conversa de processamento da experiência, aproveitei a binaridade do espaço e minha posição de “professora” e intencionalmente fiz questão de valorizar o trabalho artesanal, a costura feita à mão, e o valor do processo para o aprendizado. Percebi que alguns dos discursos foram mudando ao longo das conversas: ao fim da aula observei que ao menos todas as participantes quiseram levar a sua produção para casa e algumas estavam já pensando nos próximos passos para o que iriam fazer com o tecido.

I: - Ficou bonito, né? Uma coisa nova.

Eu: - Uh-huh

J: - Ficou muito legal.

I: - Dá pra fazer costurado a mão sora? Ou fica ruim?

Eu: - Não, eu acho que é legal. Com certeza acho que quando é costurado a mão pra mim tem ainda mais valor. Quanto mais a gente faz as coisas. Hoje em dia tudo feito por máquinas, né? Então quando a gente pega e faz com as nossas próprias mãos tem outro valor. Acho muito bonito fazer a eu acho que vocês vão fazer a mão pelo que a Márcia me falou.

[...]

Eu: E vocês estão aprendendo a fazer fuxico agora?

I: - Sim, até eu tava pensando em fazer brinco.

Eu: - Fazer brincos?

I: - É. Brinco.Grande. É, mas eu não sei se esse tecido não é muito duro pra fazer.

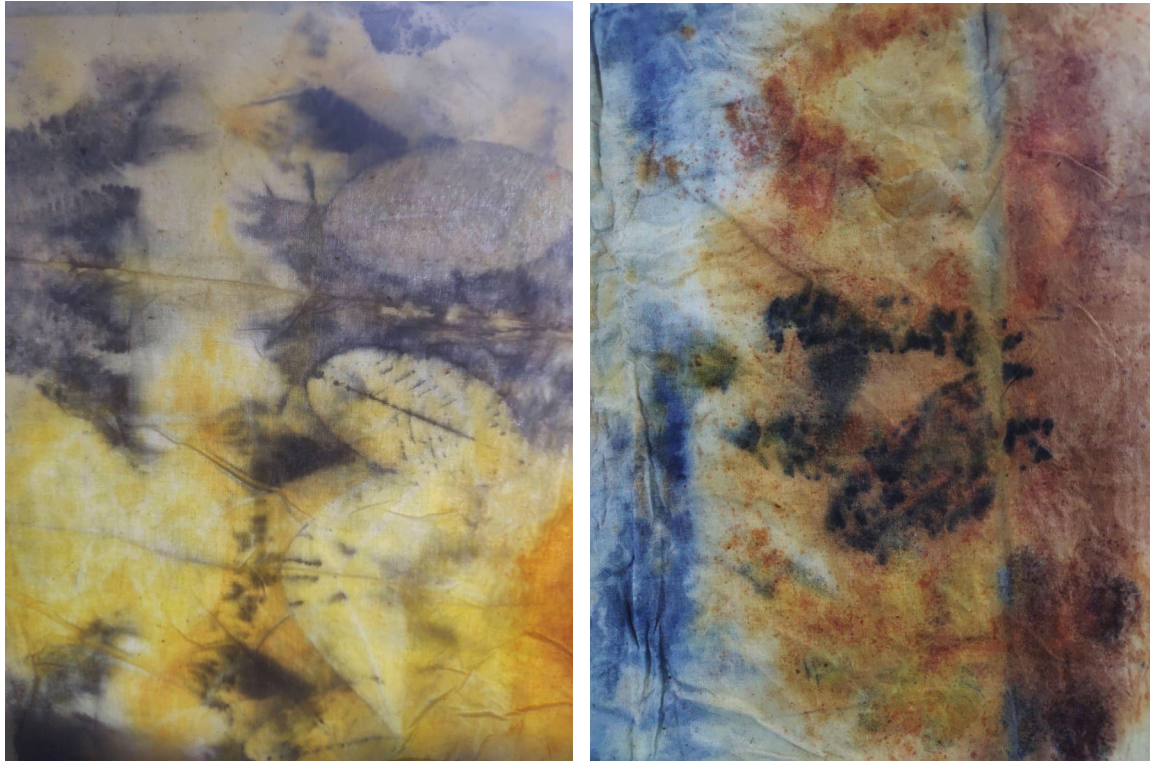
Eu: - Na real, a princípio não, é pra funcionar.

I: - Porque dá um brinco bem bonito né? Diferenciado.

Outra questão que me chamou a atenção, e que só foi possível entender na releitura da transcrição, foram as indiretas do único menino do grupo contra uma das participantes. Foram várias agressões contínuas, menosprezando seu trabalho, falando mal de sua família e de sua reputação. Fiquei triste de perceber isso só depois, e de ter intercedido só uma vez (que foi a vez que eu percebi no momento da aula). A qualidade das ofensas demonstra quanto a violência de gênero está intrincada em nossa sociedade, de maneira que acontece perto de nós e não conseguimos perceber. Novamente Gago (2020, p. 96) me auxilia a refletir sobre o ocorrido: “[...] que mensagem é transmitida por esses crimes que, agora parecem não se restringir ao âmbito doméstico, podendo acontecer no meio de um bar, em um jardim de infância ou na própria rua?”.

Uma outra questão que abordamos durante a abertura dos pacotes foi como reproduzir a técnica na Casa Lilás, já que uma das participantes não pôde vir no primeiro encontro. As participantes explicaram que não havia muita possibilidade de replicar oficinas no espaço, por estar cheio demais e com muitas crianças (algumas deficientes). Durante a conversa com elas, mudei minha postura ao entender que, minha tarefa, naquele caso, seria menos de incentivar uma réplica da técnica e mais de escutar e acolher o compartilhamento de suas realidades. Bell Hooks (2017, p. 11) afirma que para a construção de uma pedagogia revolucionária e anticolonial precisamos realmente conhecer nossos alunos, ouvi-los sobre suas famílias, suas casas e condições econômicas e sobre a maneira que são tratados.

Figura 36 – Impressões Botânicas das participante



Fonte: arquivo pessoal da autora (2022).

Depois da abertura dos pacotes, demos sequência ao compartilhamento dos resultados e à segunda parte da oficina, que envolvia confecção de carimbos artesanais. Para isso pedi que elas mostrassem uma de cada vez seus tecidos e as plantas que elas mesmas coletaram de sua casa ou rua e trouxeram para a aula. A conversa foi muito produtiva. As participantes relacionavam as plantas que tinham em casa com o que havia impresso no tecido e iam fazendo relações com os nomes das plantas também. Trago aqui partes da conversa:

J: - Essa que marcou a minha, essa é goiaba, essa eu peguei de casa.

P: - Essa aí foi aqui, hein?

J: - Essa aqui é lá de casa, mas eu não sei o que que é. É um coração. Até achei que fosse, mas não é, batata, parecia.

Eu: - Uh-huh.

J: - Parecia batata do jeito que tá lá assim...

Eu: - Ou... Chuchu

J: - É, eu acho que chuchu não é, eu acho que é eu achei que era batata, mas vou perguntar pro meu marido ele que sabe

[...]

T: - Essa aqui tem nome de animal

M: - Essa aqui tinha frutinha que eu roubava.

S: - Essas aqui eu peguei lá da minha mãe.

Eu: - Que show. Que que tu gostou?

Tu: - Muita coisa. Os desenhos né? Ficou bem marcado. Ficou muito lindo.

Eu: - E tu lembra que plantinha que era?

P: - Parece um boi o nome...

Eu: - O nome a gente não sabe né?

I: - Sim. Tipo essa daqui mais pequena É tipo uma samambaia também, só que menorzinha.

J: - No meu tecido eu usei todas as pigmentações que a gente tinha aqui de erva, de café de colorau de açafraão. E eu percebi aqui, eu notei que essa folha aqui é folha de goiabeira, ela tem uma ranhura bem forte na folha, por isso, por isso dá impressão dela, ela foi ela que apareceu mais no tecido foi essa folha de goiabeira aqui.

Destaco aqui a excelente memória e capacidade relacional das participantes ao lembrar do nome das plantas, e relacionar com aquilo que já conheciam. Ostrower (2014, p. 18) fala sobre a importância da memória no processo criativo: “[...] as intenções se estruturam junto com a memória. São importantes para o criar [...]”. A forma com que as participantes dividiram seu conhecimento também merece ser destacada – é um conhecimento que vem da experiência: do que plantam e colhem em seus pátios e ruas: “Sei que a experiência pode ser um meio de conhecimento e pode informar o modo como sabemos o que sabemos [...]”. (HOOKS, 2017, p. 122).

6.3.3 Finalização

Depois desse compartilhamento, prosseguimos na confecção de carimbos artesanais. Encorajei algumas participantes a utilizar as folhas que haviam trazido como carimbos, e no geral a participação foi muito boa; elas estavam envolvidas e orgulhosas de suas produções. Trago aqui um paralelo sobre o que Ostrower (2014) fala sobre a força da criatividade se nutrir no exercício dela mesma. As participantes não estavam cansadas, mas sim engajadas pelo processo anterior.

Passei a maior parte do tempo nesta segunda fase da oficina buscando e alcançando materiais e até tentei incentivar a autonomia e o compartilhamento de objetos no grupo, mas reconheço que para isso seriam necessários mais encontros. Ao final da aula, uma das alunas ficou para conversar; trouxe os trabalhos que costurava em casa para compartilhar comigo, contando a história de um a um. Conversei com ela e valorizei sua produção. Enquanto arrumava a sala me despedia mentalmente dos meus recém-formados vínculos, de minhas expectativas e frustrações.

7 OUTROS CONTORNOS PARA IMPRESSÃO BOTÂNICA

A partir desse momento relato derivações das oficinas realizadas – seja sob forma de reflexão ou de ação inspirada nos cursos realizados.

7.1 REFLEXÕES A PARTIR DAS OFICINAS

Assim como os contextos em que realizei as oficinas foram muito diferentes, as identidades femininas que encontrei também o foram: “[...] o gênero não é o único determinante da identidade feminina [...]”. (HOOKS, 2017, p. 105); assim como as relações entre mulheres e plantas que observei. Em geral, enquanto artista-professora, aprendi a ficar mais atenta à diversidade e pluralidade das alunas e equilibrar o incentivo a uma nova técnica (impressão botânica) à escuta ativa de histórias e memórias suscitadas pela técnica.

Aprendi que, embora estejamos coletivamente à margem – mulheres e plantas – cada relação é muito singular, muito rica; pode e deve ser incentivada dentro de seu recorte cultural. Meu papel enquanto professora, nesse caso, é estar consciente de meu privilégio, meu passado e minha cultura, abrir espaço para isso dentro de mim mesma e, ao pisar em uma sala para ensinar artes, não reafirmar isso, mas abrir espaço para a pluralidade, para escuta, para fala e para a construção coletiva e individual. Nesse ponto as rodas de conversa que exercitei por diversas vezes se mostraram grandes aliadas. Ainda tenho muito a evoluir metodologicamente, pois sei que nem todas as alunas se sentem à vontade para contribuir falando no grande grupo, mas sinto que a roda, ao menos, mostrava que cada uma tinha um espaço garantido ali, estava sendo vista e ouvida (caso quisesse falar). E isso é simbolicamente muito importante: “[...] qualquer pedagogia radical precisa insistir que a presença de todos seja reconhecida. E não basta simplesmente afirmar essa insistência. É preciso demonstrá-la por meio de práticas pedagógicas [...]” (HOOKS, 2017, p. 18).

Entendi também que ensinar e aprender com mulheres é trabalhar com violência de gênero. Ela vai aparecer, de diferentes maneiras, em menor ou maior intensidade (variando em função de raça, contexto social, sexualidade e território) mas vai estar presente enquanto vivermos no mesmo sistema capitalista. Aceitar que a violência existe e é ainda maior em contextos de vulnerabilidade é o primeiro passo para conseguir identificar a violência e criar

métodos para respondê-la: “Trata-se de pôr a prova a atualização da caça às bruxas como hipótese política, mapeando quais são os novos corpos, territórios e conflitos sobre os quais essa caça se pratica.” (GAGO, 2020, p. 75).

A relação com plantas, durante as oficinas de impressão botânica, fez aflorar relatos íntimos das participantes: memórias, afetos e espiritualidade. Nas palavras de Dalmaso e Vilela (2019, p.155): “[...] coisas ainda não-pensadas e sentidas [...]”. Como professora-artista, entendi que, além da caminhada técnica, ainda tenho um percurso emocional e espiritual a percorrer – e estou comprometida com esse trajeto, a fim de melhor acolher e compreender meus alunos. Acredito que, como (HOOKS, 2017 ,p. 25) é necessário para além de ensinar nossos temas específicos: “[...] participar do crescimento intelectual e espiritual dos alunos” e crescer e aprender junto com eles [...]”.

Acredito também no potencial da arte-educação como ferramenta de conscientização, diminuição das desigualdades, e melhoria das relações entre seres. Nas palavras de Hooks (2017, p. 13): “[...] a educação é capacitante ela aumenta nossa capacidade de ser livres [...]”. Mas, para isso, não basta apenas a técnica, ou o conhecimento do fazer: precisamos do “[...] movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer [...]” (FREIRE, 1996, p. 9). Isso é significativo para o planejamento das aulas, que envolve provocar a reflexão dos alunos sobre suas criações, sobre seus contextos de vida, e também para o próprio realizar do docente, que pode e deve se colocar em dúvida, em questionamento, em situação de aprendizagem. Como novamente diz Freire (1996, p. 9), é necessário que “[...] o aprendiz de educador assuma que o indispensável pensar certo não é deuses nem se acha nos guias de professores que iluminados [...]”.

Outra reflexão que trago, fazendo uma avaliação da impressão botânica enquanto técnica artística é que ela, aliada com processos reflexivos e de partilha, pode provocar um encantamento, uma quebra no processo desintegrativo que vivemos enquanto sociedade.

O desdém pela experiência sensível do homem reflete o desinteresse pelo próprio ser humano, por sua afetividade e suas potencialidades criativas. Revela a indiferença pelo caráter sensual do viver e pela unicidade da vida. Põe em evidência o clima alienante de nossa sociedade [...] (OSTROWER, 2014, p. 87).

A impressão botânica é um processo muito sensual – envolve o mover-se, o olhar, o pegar, o compor, o cheirar, o abrir, o lavar – e isso pode, junto a um processo de reflexão, promover inspirações, frestas de consciência e de senso de pertencimento ao mundo através dos vínculos criados entre mulheres e plantas, entre mulheres e arte, entre mulheres e mulheres.

O que eu quero dizer é que alguma coisa acontece por causa desse vínculo. Acontece algo novo no mundo. A relação só existe, enquanto o vínculo é algo que se cria – vínculo entre mulheres e mulheres, entre mulheres e plantas (DALMASO; VILELA, 2019, p. 154 *apud* STENGERS⁶, 2016, p. 165).

É possível estabelecer uma relação muito forte entre os conceitos de impressão botânica e de corpo-território de Veronica Gago, na medida em que, nessa técnica, trabalhamos muito com a integração entre mulher e meio ambiente:

Por isso, a expansão e o transbordamento do corpo como corpo território são o lugar concreto a partir de onde, hoje, se confronta o extrativismo ampliado. [...] O corpo território possibilita o desacato, a confrontação e a invenção de outros modos de vida, e isso implica que nessas lutas se viabilizem saberes do corpo em seu devir território e, ao mesmo tempo o indeterminem, porque não sabemos do que é capaz um corpo, enquanto corpo-território. (GAGO, 2020, p. 109).

Em outras palavras, acredito que a impressão botânica ilustra o conceito de corpo-território, permitindo a compreensão de novos vínculos entre corpo e território, arte e ciência, entre saberes científicos e da experiência, entre mulheres e plantas.

Após ministrar diversas oficinas de impressão botânica, percebo ainda que a técnica aborda muitos conceitos interessantes e possíveis de aprofundamento: o contato direto com a terra na produção artística, a sequência de gestos (andar, colher, compor, cozinhar e abrir), as memórias e conhecimentos familiares na relação com as plantas, o fazer artístico ritualizado, as diferentes percepções culturais e conhecimentos a respeito de cada planta, entre outros. Sinto que, quanto mais repito os processos de impressão botânica, mais reflito sobre eles, como aborda Ostrower (2014, p. 27): “A criatividade, como a entendemos, implica uma força crescente; ela se reabastece nos próprios processos através dos quais se realiza [...]”.

⁶ STENGERS, I. Reativar o animismo. Tradução Jamile Pinheiro Dias. Caderno de Leituras, n. 62, Chão da Feira, Belo Horizonte, 2017. Disponível em: Acesso em: nov. 2019.

Essa pesquisa, portanto, é um recorte nada estático de minha experiência e deve ser revisto e revisitado por mim e por quem mais o queira fazer. Reúno aqui impressões vivas, a partir de minhas experiências entre mulheres e plantas, e pretendo seguir pesquisando, refletindo e aprofundando meus conhecimentos e meus vínculos enquanto artista-professora.

7.2 DERIVAÇÕES A PARTIR DAS OFICINAS

Durante a confecção dessa pesquisa foram surgindo oportunidades de expansão do trabalho com Impressão Botânica. Para mim, e também para as participantes das oficinas. Busco aqui neste capítulo então, de forma breve e cartográfica apresentar os encadeamentos que surgiram a partir da pesquisa.

7.2.1 Duas Aulas Sobre Impressão Botânica na Cadeira de Oficina Pictórica da UFRGS

Através do convite de minha orientadora Lilian Maus, tive a oportunidade de ministrar a aula-oficina no dia 30 de junho de 2022 de “pintar com plantas” durante a aula de pintura, em que os participantes tiveram a oportunidade de experimentar monotipia com folhas em placas de gelatina. No dia 22 de setembro de 2022 ministrei mais uma aula de introdução a impressão botânica com o mesmo grupo de alunos.

Figura 37 – Oficina de pintar com plantas



Fonte: arquivo pessoal da autora (2022).

7.2.2 Projeto de Estágio

Uma das participantes da oficina já havia manifestado seu interesse em realizar um Projeto de Estágio relacionado a Impressão Botânica, e assim o fez na Escola Ernesto Dornelles. Os resultados das oficinas foram organizados em uma exposição na própria escola e envolveram além da impressão botânica, pigmentos naturais, bordado e costura.

Figura 38 – Produções dos alunos de Daniela Vigo



Fonte: arquivo pessoal de Daniela Vigo (2022).

7.2.3 Criação de Produtos Com Impressão Botânica

Depois da oficina na AFASO, as participantes deram sequência a produção de ecobags com as impressões botânicas, fazendo modelagem e costura das peças.

Figura 39 – Ecobags produzidas com impressão botânica das oficinas



Fonte: arquivo pessoal de Marcia Rosa (2022).

7.2.4 Seleção Para Uma Mostra Online Chilena de Fotografia Experimental

Em 2021, a Cooperativa Anna Atkins selecionou o trabalho Grinaldas da Terra para participar de uma mostra sobre o erro nos processos artísticos. Os trabalhos selecionados foram postados em coletânea pela página e publicados em um e-book.

7.2.5 Impacto Direto Sobre a Maneira Com Que Eu Construí a Relação Com Minhas Alunas de Aquarela do Projeto 50+ Cultura

Durante a execução dessa pesquisa tive a oportunidade de ministrar dois cursos de um mês de introdução à Aquarela para mulheres com 50+ junto a Associação Cultural Vila Flores. A forma que estruturei os cursos, com espaços para trocas entre as participantes e

incentivos à criação em duplas ou grupo foi profundamente inspirada nos aprendizados obtidos nas Oficinas de Impressão Botânica.

7.2.6 Projeto Artístico Literário “Impressões” Junto a Mara Lúcia B. Silva

Enquanto realizava as oficinas de Impressão Botânica e Aquarela tive vontade de construir algo em conjunto com Mara Lúcia B. Silva (minha amiga, Dra. em literatura e professora de português e escrita criativa). Apresentei meus trabalhos para ela e acordamos uma troca - eu faria impressões botânicas com as ervas da casa dela e ela escreveria um texto sobre essas mesmas ervas. Dessa maneira formaríamos um conjunto de impressões visuais e literárias sobre as mesmas ervas.

Figura 40 – Breve sùmula da sèrie Impressões



Impressões Botânicas com as ervas de Mara

[...] As folhas que serviram para essas impressões são todas de nosso pátio. Elas compõem o conjunto necessário para realizar um banho de ervas, ou de descarga, neste caso com sete: Arruda, Alecrim, Espada de São Jorge, Guiné, Manjerição, Oro, Pitanga. Os banhos devem ser preparados com um número ímpar de ervas – três, cinco, sete –, que precisam ser maceradas com as mãos enquanto se faz orações para abençoar tal infusão. Sei dessas informações por meio de minha irmã, quem selecionou as folhas para a impressão e que adquiriu esses conhecimentos na Terreira que frequenta há alguns anos e com nosso pai, que era umbandista.

Trecho de Impressões por Mara Lúcia B. Silva - Texto completo nos Anexos

Fonte: arquivo pessoal de Betina Nilsson (2022).

7.2.7 Exposição

Como conclusão e fechamento das Oficinas e do Trabalho de Conclusão, uma exposição vai ser realizada no Galpão do Zé do Vila Flores – dos 11 a 13 de outubro de 2022. A mostra reúne trabalhos e memórias minhas enquanto professora-artista, junto a produções coletivas com as participantes das oficinas, fotos das oficinas, uma instalação de laboratório de impressão botânica e algumas imagens em vídeo do processo.

Figura 41 – Exposição Contornos da Impressão Botânica



Fonte: arquivo pessoal da autora (2022).

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na primeira parte do trabalho aprofundei meus estudos sobre plantas e sobre impressão botânica de maneira teórica- experimental. Junto às leituras de Stefano Mancuso, Emanuele Coccia e Ailton Krenak passei a enxergar as plantas de uma outra perspectiva, mais filosófica e integrada a cultura, entendi que a forma que a sociedade ocidental branca enxerga as plantas está profundamente atrelada ao pensamento antropocêntrico colonialista. Ainda na primeira parte do trabalho, eu descrevi as etapas da impressão botânica e sobre elas eu refleti, com o auxílio dos escritos de Nara Guichon e Natalia Seeger. Nessa etapa além de aprofundar meus conhecimentos técnicos passei a refletir sobre as simbologias contidas no processo da ecoimpressão e de como esse está interligado à natureza de várias maneiras diferentes.

Na segunda parte do trabalho expliquei como eu defini o formato das aulas de impressão botânica e descrevi as duas principais oficinas realizadas - no Jardim Botânico e na AFASO. Com auxílio dos pensamentos de Fayga Ostrower, Bell Hooks e Veronica Gago, entendi um pouco mais sobre relações de gênero, corpo e território e também sobre criatividade, criação e pedagogia libertária. Os pensamentos dessas escritoras me auxiliaram a analisar os dados coletados nas aulas e retirar deles aprendizados potentes enquanto artista-professora. No último capítulo trago essas reflexões a respeito das oficinas e também cito, rapidamente, as outras oportunidades que surgiram através da pesquisa de impressão botânica.

Pesquisar sobre impressão botânica para mim foi estar imersa em um arquipélago de escolhas de aprendizado. São várias etapas do processo, possibilidades de suportes, mordentes e fixadores, formas de cozimento - sem contar a gama infindável de espécies de folhas e flores para teste.

Às vezes eu me perdi nesse arquipélago - fiquei um pouco mais em alguma planta, em uma reflexão, ou em algum método de cozimento. Mas nunca perdi a noção de que eu estava em um grande conjunto - isso me dava ganas de movimento e de novas descobertas.

Como pesquisadora atenta ao território, busquei que minha presença fosse tranquila na medida do possível. Observei mais do que falei, incentivei as ações artísticas mais do que realizei por mim mesma, e aprendi. Perguntar para mulheres sobre sua relação com plantas para mim foi aprender a receber - histórias, memórias, visões sobre vida e natureza. E elas não vieram sozinhas, mas acompanhadas da tia, do filho, da avó, do marido - as plantas fazem

parte da narrativa das mulheres com quem estive e saber ouvir essas histórias fez com que eu aprendesse sobre a singularidade de cada encontro entre mulheres e plantas. Encontros esses que não dizem respeito apenas a gênero, são contextuais e atravessados por raça, território, cultura e trajetória de vida e garantem uma multiplicidade de olhares para as plantas e para o “ser mulher” em nossa sociedade.

A impressão botânica - e essa pesquisa - me ensinou a estar mais presente em minhas ações enquanto artista-professora. Hoje busco muito além de ensinar técnicas, nutrir vínculos - entre mim e os alunos e principalmente nos alunos entre si. Fato é que algo acontece por causa desse vínculo, algo que como trazem Dalmaso e Villela (2019) não tem nome ou ainda não é possível de colocar em palavras, mas vejo que é esse mesmo tipo que fez com que eu me interessasse pela impressão botânica e fizesse minha dissertação sobre isso.

Olho para meu mapa de futuros aprendizados a partir da impressão botânica e vejo inúmeros assuntos para seguir - tingimento natural, tintas naturais, fotografia e gravura experimental, secagem de plantas, fungos, experimentos químicos e biológicos - foram muitas as pontes traçadas nas oficinas. Seja qual for o caminho, sei que ele está invariavelmente ligado à natureza e a narrativas minhas e de outras mulheres. Quero estudar mais sobre o pampa, quero cartografar territórios com maior e menor acesso a plantas, quero ouvir mais histórias e quero nutrir o afeto de meus alunos pela natureza através de ações artísticas.

Hoje, mais do que antes me sinto parte de um todo, enxergo os contornos das composições coletivas e eles não estão nítidos. Planta, humano, coletivo, singular, pigmento, papel, tecido, passado e futuro se misturam em um misto de possibilidades. E eu estou, agora, entre eles, observando as plantas e aprendendo a ser mundo junto com elas.

ANEXO – Impressões por Mara Lúcia B. Silva

“Impressões...”

Na minha lembrança, nosso pátio urbano e periférico, zona norte da cidade, sempre teve muitas plantas e árvores, como Araçá, Mamão, Romã, Jambolão, Erva-de-bicho, Quebra-pedra, Roseira etc. Nosso pai tinha o desejo de ter um sítio, até esboçou um início desse sonho com uma faixa de terra, literalmente – na zona sul da cidade, de onde era originário –, fruto de uma divisão de herança entre vários filhos e filhas, mas esse projeto não prosperou.

As folhas que serviram para essas impressões são todas de nosso pátio. Elas compõem o conjunto necessário para realizar um banho de ervas, ou de descarga, neste caso com sete: Arruda, Alecrim, Espada de São Jorge, Guiné, Manjerição, Oro, Pitanga. Os banhos devem ser preparados com um número ímpar de ervas – três, cinco, sete –, que precisam ser maceradas com as mãos enquanto se faz orações para abençoar tal infusão. Sei dessas informações por meio de minha irmã, quem selecionou as folhas para a impressão e que adquiriu esses conhecimentos na Terreira que frequenta há alguns anos e com nosso pai, que era umbandista.

O banho de ervas serve para nos aliviar da ansiedade, nos livrar do mau-olhado, das forças e energias negativas, nos relaxar; enquanto o fazemos, despejando a infusão do pescoço para baixo, em oração, devemos elevar nossos pensamentos e pedir proteção. Se ele não concretiza essas “mágicas” todas, ao final, no mínimo, ficamos com o ambiente e nosso corpo físico cheirando agradavelmente.

Cada erva tem uma função, várias podem ter a mesma e outras tantas. Além do banho, muitas podem ser ingeridas por meio de infusões. Mas há que se ter cuidado, pois como cunhou Paracelso: “Todas as substâncias são venenos, não existe nada que não seja veneno. Somente a dose correta diferencia o veneno do remédio”.

Arruda, Alecrim, Espada de São Jorge, Guiné, Manjerição, Oro, Pitanga servem – no modo medicamentoso – para melhorar a circulação, para relaxar, aliviando o sistema nervoso, para matar piolhos, curar sarna, para as dores de barriga, de estômago, para aromatizar o ambiente, para fazer massagens, entre outras tantos usos, sem que esqueçamos de Paracelso, obviamente. Algumas podem ser usadas também para temperar pratos e alimentos.

Diz-se que o banho apenas com Manjeriçã, erva dedicada à orixá Oxum – deusa da sabedoria e do poder feminino, do amor, do ouro e da riqueza –, ativa a sensibilidade sexual feminina – “Nesta cidade todo mundo é d'Oxum/ Homem, menino, menina, mulher/ Toda essa gente irradia magia/ Presente na água doce/ Presente n'água salgada/ E toda a cidade brilha”; que a planta Oro, dedicada ao orixá Xangô – deus da justiça, do fogo, protetor dos intelectuais –, não pode passar da altura da casa de quem a plantou – “Mora na pedreira, o dono da Terra/ Vem de Aruanda pra vencer a guerra/ Eis o justiceiro da Nação Nagô/ Samba corre gira, gira pra Xangô”.


No pátio, hoje, temos pés de Mangueira, Pitangueira, Bergamoteira, Goiabeira, uma Roseira “Buendía” (já passou por três gerações, mostra-se resistente), um lindo Jasmim do Japão (plantei muitas vezes até que vingasse); temperos (alecrim, manjerona, cebolinha, salsa, hortelã etc.); Ora-pro-nobis (Panc), couve, tomate cereja... Espada de São Jorge (Ogum), muitas, pelo pátio todo, dentro de casa, porque proteção nunca é demais!!! “Eu sou descendente Zulú/ Sou um soldado de Ogum/ Devoto dessa imensa legião de Jorge/ Eu sincretizado na fé/ Sou carregado de axé/ E protegido por um cavaleiro nobre [...] Sim vou no terreiro pra bater o meu tambor/ Bato cabeça firmo ponto sim senhor”. Babosa, muitos pés de Babosa, ou Aloe vera, planta essa que nosso pai usava para quase todo e qualquer mal.

Pátio de muitas plantas e fé, de imagens católicas e não católicas. Nossos deuses, que dançam, muito presentes nele, nossa mitologia afro-brasileira aqui presente. De onde escrevo, a imagem de Xangô – que escapou de uma destruição neopentecostal (em um momento de conversão destemperada de nosso pai), que, acredito, foi anunciada para que pudéssemos impedi-lo –, me observa, me protege, me guarda. Em nossa família, somos ecumênicos, há espíritas, católicos, umbandistas, ateus, de tudo um pouco. Eu sou uma carola sem igreja, acendo velas e incensos, rezo, peço, acredito, mas não lido bem com igrejas, de nenhuma ordem; minha irmã, a entendida sobre as ervas, é umbandista praticante, cumpre regamente seus compromissos e rituais. E assim seguimos, Caô cabecilê! Amém!


APÊNDICE – Termos de autorização de uso de imagem

Os termos de utilização de imagem abaixo se referem as participantes da Oficina no Jardim Botânico, e também fotógrafos e fotografás que contribuíram com imagens para esta pesquisa. Para preservar a identidade das participantes da oficina na Afaso não trazemos aqui os termos de utilização de imagem, apenas a referência do termo assinado.

Termo de Uso de Imagem Caixa de entrada x

 **Betina Nilsson** seg., 17 de out. 10:37 (há 22 horas) ☆

Oie! Muito obrigada mais uma vez por participar da pesquisa! Para possibilitar sua publicação, favor copiar o texto abaixo, preencher ali o nome e me reenviar p

 **Alice D'Almeida** 06:15 (há 2 horas) ☆ ↶ ⋮

para mim ▾

Oi Bê! Só isso que precisa mesmo?
bjol

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
Aluna: Betina Nilsson
Professora Orientadora: Lilian Maus Junqueira
Curso: Licenciatura em Artes Visuais
Disciplina: Seminário de Projeto II (2022/1)


Eu, Alice Menezes D'Almeida, autorizo a utilização de minha imagem, voz e som como participante da oficina Introdução a Impressão Botânica pertencente ao trabalho de conclusão de curso "Contornos da Impressão Botânica: a relação entre mulheres e plantas na prática artística e educativa." realizada pela aluna Betina Nilsson e sob a orientação da Profa. Dra. Lilian Maus Junqueira do curso de Licenciatura em Artes Visuais (Instituto de Artes - Universidade Federal do Rio Grande do Sul).

A presente autorização é concedida a título gratuito e por prazo indeterminado, com a finalidade de pesquisa e sem fins comerciais; abrangendo o uso da imagem, voz e som acima mencionados em todo território nacional e internacional, bem como em todas as modalidades (mídia impressa, ou digital, em formato físico e/ou pela internet.)


Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser declarado a título de direitos relacionados a minha imagem, voz e som.

Porto Alegre, 17 de Outubro de 2022.

Termo de Uso de Imagem Caixa de entrada x

 **Betina Nilsson** seg., 17 de out. 10:35 (há 22 horas) ☆

Oie! Muito obrigada mais uma vez por participar da pesquisa! Para possibilitar sua publicação, favor copiar o texto abaixo, preencher ali o nome e me reenviar p

 **Ayla** seg., 17 de out. 21:41 (há 11 horas) ☆ ↶ ⋮

para mim ▾

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
Aluna: Betina Nilsson
Professora Orientadora: Lilian Maus Junqueira
Curso: Licenciatura em Artes Visuais
Disciplina: Seminário de Projeto II (2022/1)

Eu, Ayla Yasmin Guimarães Dresch, autorizo a utilização de minha imagem, voz e som como participante da oficina Introdução a Impressão Botânica pertencente ao trabalho de conclusão de curso "Contornos da Impressão Botânica: a relação entre mulheres e plantas na prática artística e educativa." realizada pela aluna Betina Nilsson e sob a orientação da Profa. Dra. Lilian Maus Junqueira do curso de Licenciatura em Artes Visuais (Instituto de Artes - Universidade Federal do Rio Grande do Sul).


A presente autorização é concedida a título gratuito e por prazo indeterminado, com a finalidade de pesquisa e sem fins comerciais; abrangendo o uso da imagem, voz e som acima mencionados em todo território nacional e internacional, bem como em todas as modalidades (mídia impressa, ou digital, em formato físico e/ou pela internet.)

Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser declarado a título de direitos relacionados a minha imagem, voz e som.

Porto Alegre, 17 de Outubro de 2022.

📧 🕒 🗑️ 📧 🕒 📧 🗑️ ⋮

RE: Termo de Uso de Imagem ▶️ Caixa de entrada x

 **dvigo@bol.com.br** para mim ▾ seg., 17 de out. 11:03 (há 22 horas) ☆ ↶ ⋮

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
Aluna: Betina Nilsson
Professora Orientadora: Lilian Maus Junqueira
Curso: Licenciatura em Artes Visuais
Disciplina: Seminário de Projeto II (2022/1)

Eu, Daniela Gonçalves Amaral, autorizo a utilização de minha imagem, voz e som como participante da oficina Introdução a Impressão Botânica pertencente ao trabalho de conclusão de curso "Contornos da Impressão Botânica: a relação entre mulheres e plantas na prática artística e educativa." realizada pela aluna Betina Nilsson e sob a orientação da Profa. Dra. Lilian Maus Junqueira do curso de Licenciatura em Artes Visuais (Instituto de Artes - Universidade Federal do Rio Grande do Sul).

A presente autorização é concedida a título gratuito e por prazo indeterminado, com a finalidade de pesquisa e sem fins comerciais; abrangendo o uso da imagem, voz e som acima mencionados em todo território nacional e internacional, bem como em todas as modalidades (mídia impressa, ou digital, em formato físico e/ou pela internet.)


Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser declarado a título de direitos relacionados a minha imagem, voz e som.

Porto Alegre, 17 de Outubro de 2022.


Enviado através do [Bol Mail](#)

📧 🕒 🗑️ 📧 🕒 📧 🗑️ ⋮

Termo de Uso de Imagem ▶️ Caixa de entrada x

 **Betina Nilsson** seg., 17 de out. 10:35 (há 22 horas) ☆

Oiel Muito obrigada mais uma vez por participar da pesquisa! Para possibilitar sua publicação, favor copiar o texto abaixo, preencher ali o nome e me reenviar p

 **isabel preto** para mim ▾ seg., 17 de out. 10:51 (há 22 horas) ☆ ↶ ⋮

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
Aluna: Betina Nilsson
Professora Orientadora: Lilian Maus Junqueira
Curso: Licenciatura em Artes Visuais
Disciplina: Seminário de Projeto II (2022/1)

Eu, Isabel Maria Silveira Preto de Oliveira, autorizo a utilização de minha imagem, voz e som como participante da oficina Introdução a Impressão Botânica pertencente ao trabalho de conclusão de curso "Contornos da Impressão Botânica: a relação entre mulheres e plantas na prática artística e educativa." realizada pela aluna Betina Nilsson e sob a orientação da Profa. Dra. Lilian Maus Junqueira do curso de Licenciatura em Artes Visuais (Instituto de Artes - Universidade Federal do Rio Grande do Sul).

A presente autorização é concedida a título gratuito e por prazo indeterminado, com a finalidade de pesquisa e sem fins comerciais; abrangendo o uso da imagem, voz e som acima mencionados em todo território nacional e internacional, bem como em todas as modalidades (mídia impressa, ou digital, em formato físico e/ou pela internet.)

Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser declarado a título de direitos relacionados a minha imagem, voz e som.

Porto Alegre, 17 de Outubro de 2022.



Termo de Uso de Imagem Caixa de entrada x



Betina Nilsson

seg., 17 de out. 10:42 (há 22 horas)



Oie! Muito obrigada mais uma vez por participar da pesquisa! Para possibilitar sua publicação, favor copiar o texto abaixo, preencher ali o nome e me reenviar p



Juliana Pereira

seg., 17 de out. 11:43 (há 21 horas)



para mim

Eu, Juliana Pereira, autorizo a utilização de minha imagem, voz e som como participante da oficina Introdução a Impressão Botânica pertencente ao trabalho de conclusão de curso "Contornos da Impressão Botânica: a relação entre mulheres e plantas na prática artística e educativa." realizada pela aluna Betina Nilsson e sob a orientação da Profa. Dra.Lilian Maus Junqueira do curso de Licenciatura em Artes Visuais (Instituto de Artes - Universidade Federal do Rio Grande do Sul).

A presente autorização é concedida a título gratuito e por prazo indeterminado, com a finalidade de pesquisa e sem fins comerciais; abrangendo o uso da imagem, voz e som acima mencionados em todo território nacional e internacional, bem como em todas as modalidades (mídia impressa, ou digital, em formato físico e/ou pela internet.)

Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser declarado a título de direitos relacionados a minha imagem, voz e som.

Porto Alegre, 17 de Outubro de 2022.

De: Betina Nilsson <betinilsson@gmail.com>

Enviado: segunda-feira, 17 de outubro de 2022 11:42

Para: juli-ananda@live.com <juli-ananda@live.com>

Assunto: Termo de Uso de Imagem

...



Termo de Uso de Imagem Caixa de entrada x



Betina Nilsson

seg., 17 de out. 11:10 (há 21 horas)



Oie! Muito obrigada mais uma vez por participar da pesquisa! Para possibilitar sua publicação, favor copiar o texto abaixo, preencher ali o nome e me reenviar p



Márcia Rosa

seg., 17 de out. 14:27 (há 18 horas)



para mim

Em 17 de out. de 2022, à(s) 11:10, Betina Nilsson <betinilsson@gmail.com> escreveu:

Oie!

Muito obrigada mais uma vez por participar da pesquisa!

Para possibilitar sua publicação, favor copiar o texto abaixo, preencher ali o nome e me reenviar por e-mail :)

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES

Aluna: Betina Nilsson

Professora Orientadora: Lilian Maus Junqueira

Curso: Licenciatura em Artes Visuais

Disciplina: Seminário de Projeto II (2022/1)


Eu, Márcia Sousa da Rosa, autorizo a utilização de minha imagem, voz e som como participante da oficina Introdução a Impressão Botânica pertencente ao trabalho de conclusão de curso "Contornos da Impressão Botânica: a relação entre mulheres e plantas na prática artística e educativa." realizada pela aluna Betina Nilsson e sob a orientação da Profa. Dra.Lilian Maus Junqueira do curso de Licenciatura em Artes Visuais (Instituto de Artes - Universidade Federal do Rio Grande do Sul).

A presente autorização é concedida a título gratuito e por prazo indeterminado, com a finalidade de pesquisa e sem fins comerciais; abrangendo o uso da imagem, voz e som acima mencionados em todo território nacional e internacional, bem como em todas as modalidades (mídia impressa, ou digital, em formato físico e/ou pela internet.)


Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser declarado a título de direitos relacionados a minha imagem, voz e som.

Porto Alegre, 17 de Outubro de 2022.

Termo de Uso de Imagem Caixa de entrada x

 **Betina Nilsson** seg., 17 de out. 10:34 (há 22 horas) ☆

Oie! Muito obrigada mais uma vez por participar da pesquisa! Para possibilitar sua publicação, favor copiar o texto abaixo, preencher ali o nome e me reenviar p

 **Renata Milheiro** seg., 17 de out. 11:02 (há 22 horas) ☆ ↶ ⋮
para mim ▾

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
Aluna: Betina Nilsson
Professora Orientadora: Lillian Maus Junqueira
Curso: Licenciatura em Artes Visuais
Disciplina: Seminário de Projeto II (2022/1)

Eu, Renata Bossle Milheiro, autorizo a utilização de minha imagem, voz e som como participante da oficina Introdução a Impressão Botânica pertencente ao trabalho de conclusão de curso "Contornos da Impressão Botânica: a relação entre mulheres e plantas na prática artística e educativa." realizada pela aluna Betina Nilsson e sob a orientação da Profa. Dra.Lilian Maus Junqueira do curso de Licenciatura em Artes Visuais (Instituto de Artes - Universidade Federal do Rio Grande do Sul).


A presente autorização é concedida a título gratuito e por prazo indeterminado, com a finalidade de pesquisa e sem fins comerciais; abrangendo o uso da imagem, voz e som acima mencionados em todo território nacional e internacional, bem como em todas as modalidades (mídia impressa, ou digital, em formato físico e/ou pela internet.)

Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser declarado a título de direitos relacionados a minha imagem, voz e som.


Porto Alegre, 17 de Outubro de 2022.

...

Termo de Uso de Imagem Caixa de entrada x

 **Betina Nilsson** seg., 17 de out. 10:42 (há 22 horas) ☆

Oiel Muito obrigada mais uma vez por participar da pesquisa! Para possibilitar sua publicação, favor copiar o texto abaixo, preencher ali o nome e me reenviar p

 **Thaís Duarte** seg., 17 de out. 21:31 (há 11 horas) ☆ ↶ ⋮
para mim ▾

Olá, segue o termo de autorização

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
Aluna: Betina Nilsson
Professora Orientadora: Lillian Maus Junqueira
Curso: Licenciatura em Artes Visuais
Disciplina: Seminário de Projeto II (2022/1)

Eu, Thaís Tavares Duarte, autorizo a utilização de minha imagem, voz e som como participante da oficina Introdução a Impressão Botânica pertencente ao trabalho de conclusão de curso "Contornos da Impressão Botânica: a relação entre mulheres e plantas na prática artística e educativa." realizada pela aluna Betina Nilsson e sob a orientação da Profa. Dra.Lilian Maus Junqueira do curso de Licenciatura em Artes Visuais (Instituto de Artes - Universidade Federal do Rio Grande do Sul).

A presente autorização é concedida a título gratuito e por prazo indeterminado, com a finalidade de pesquisa e sem fins comerciais; abrangendo o uso da imagem, voz e som acima mencionados em todo território nacional e internacional, bem como em todas as modalidades (mídia impressa, ou digital, em formato físico e/ou pela internet.)

Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser declarado a título de direitos relacionados a minha imagem, voz e som.

Porto Alegre, 17 de Outubro de 2022.

...



Termo de Uso de Imagem ▶ Caixa de entrada x



Betina Nilsson

seg., 17 de out. 10:33 (há 22 horas) ☆

Oie! Muito obrigada mais uma vez por participar da pesquisa! Para possibilitar sua publicação, favor copiar o texto abaixo, preencher ali o nome e me reenviar pa



Nickole Monfron

seg., 17 de out. 21:22 (há 11 horas) ☆ ↶ ⋮

para mim ▾

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES

Aluna: Betina Nilsson

Professora Orientadora: Lilian Maus Junqueira

Curso: Licenciatura em Artes Visuais

Disciplina: Seminário de Projeto II (2022/1)

Eu, Nickole Monfron da Costa, autorizo a utilização de minha imagem, voz e som como participante da oficina Introdução a Impressão Botânica pertencente ao trabalho de conclusão de curso "Contornos da Impressão Botânica: a relação entre mulheres e plantas na prática artística e educativa." realizada pela aluna Betina Nilsson e sob a orientação da Profa. Dra. Lilian Maus Junqueira do curso de Licenciatura em Artes Visuais (Instituto de Artes - Universidade Federal do Rio Grande do Sul).

A presente autorização é concedida a título gratuito e por prazo indeterminado, com a finalidade de pesquisa e sem fins comerciais; abrangendo o uso da imagem, voz e som acima mencionados em todo território nacional e internacional, bem como em todas as modalidades (mídia impressa, ou digital, em formato físico e/ou pela internet.)

Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser declarado a título de direitos relacionados a minha imagem, voz e som.

Porto Alegre, 17 de Outubro de 2022.

Autorização de uso de imagem ▶ Caixa de entrada x



Betina Nilsson

ter., 18 de out. 09:43 (há 22 horas) ☆

Ara, usei duas imagens tuas no meu TCC. Tu me autoriza? Se sim, podes responder esse email copiando o texto abaixo e colocando teu nome no espaço em branco? Muito



Ricardo Ara

ter., 18 de out. 20:14 (há 11 horas) ☆ ↶ ⋮

para mim ▾

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES

Aluna: Betina Nilsson

Professora Orientadora: Lilian Maus Junqueira

Curso: Licenciatura em Artes Visuais

Disciplina: Seminário de Projeto II (2022/1)

Eu, Ricardo Selister Araujo , autorizo a utilização de duas fotos minhas para a parte escrita pertencente ao trabalho de conclusão de curso "Contornos da Impressão Botânica: a relação entre mulheres e plantas na prática artística e educativa." realizada pela aluna Betina Nilsson e sob a orientação da Profa. Dra. Lilian Maus Junqueira do curso de Licenciatura em Artes Visuais (Instituto de Artes - Universidade Federal do Rio Grande do Sul).

--



fotógrafo
+55 51 99955 3930
fotografia@ricardoara.com
www.ricardoara.com

Segue autorização.

Recebido!

Segue autorização assinada.

Referência de termos de autorização de uso de imagem utilizado na AFASO.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
Aluna: Betina Nilsson
Professora Orientadora: Lilian Maus Junqueira
Curso: Licenciatura em Artes Visuais
Disciplina: Seminário de Projeto II (2022/1)

Eu, autorizo a utilização de minha imagem, voz e som como participante da oficina Introdução a Impressão Botânica pertencente ao trabalho de conclusão de curso "Contornos da Impressão Botânica: a relação entre mulheres e plantas na prática artística e educativa." realizada pela aluna Betina Nilsson e sob a orientação da Profa. Dra. Lilian Maus Junqueira do curso de Licenciatura em Artes Visuais (Instituto de Artes - Universidade Federal do Rio Grande do Sul).

A presente autorização é concedida a título gratuito e por prazo indeterminado, com a finalidade de pesquisa e sem fins comerciais; abrangendo o uso da imagem, voz e som acima mencionados em todo território nacional e internacional, bem como em todas as modalidades (mídia impressa, ou digital, em formato físico e/ou pela internet.)

Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser declarado a título de direitos relacionados a minha imagem, voz e som.

Porto Alegre, 06 de Maio de 2022.

REFERÊNCIAS

AFASO PORTO ALEGRE: **Associação Famílias em Solidariedade**. Porto Alegre, 2021. Disponível em: <afaso.org.br> Acesso em 10 de setembro de 2021.

AGUIAR, Catia Rosana Lange de; AGUIAR, Grazyella Cristina Oliveira de; MISSNER, Maria Elisa Philippsen. **Tingimento de seda e algodão com pigmentos naturais: comparação entre processo de impressão botânica e esgotamento**. In: CONGRESSO CIENTÍFICO TÊXTIL E MODA, 6., Blumenau, 2010. **Anais [...]** Blumenau: Departamento de Engenharias, Universidade Federal de Santa Catarina, 2010.

BALDISSEROTO, Ana Flávia. Observação orgânica, estudos de inço [ensaio visual]. **Revista-Valise**, Porto Alegre, v. 7, n. 14, dez. 2017.

BETKER, Carine. **A presença da arte na escola como inço**. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL, 2.; SEMINÁRIO NACIONAL FORMAÇÃO PEDAGÓGICA E PENSAMENTO NÔMADE; ENSINO DOCÊNCIA E CRIAÇÃO, 3., Porto Alegre, 2021. **Anais [...]** Porto Alegre, 2021. Disponível em: pdf_342.pdf (univates.br). Acesso em: 02 nov. 2021.

BRETON, Hervé. **Pesquisa narrativa: entre descrição da experiência vivida e configuração biográfica**. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, v. 50, n. 178, p. 1138-1158, out./dez. 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/198053147185>> Acesso em 20 de agosto de 2022.

COCCIA, Emanuele. **A vida das plantas: uma metafísica da mistura**. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2018.

CORES Naturais 6: ecoprint em papel. [S. l.: s. n.], 2019. 1 vídeo (13 min). Publicado pelo canal Power Flower. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vhY4oGyAsZY>. Acesso em: 19 ago. 2021.

DALMASO, Alice; VILELA. DevirAÇÕES Floresta. **ClimaCom – Povos Ouvir – A coragem da vergonha** [Online], Campinas, ano 6, n. 16, dez. 2019. Disponível em:< <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/alice-dalmaso-...acoes-floresta/>> Acesso em 10 de Agosto de 2022.

FEDERICCI, Silvia. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. São Paulo: Elefante, 2017.

FLINT, India. **Hearth**. Disponível em: <https://www.indiaflint.com/>. Acesso em: 15 nov. 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GAGO, Veronica. **A potência ou o desejo feminista de transformar tudo**. São Paulo: Editora Elefante, 2020.

GUICHON, Nara. **Ecoprint**. Disponível em: <https://www.naraguichon.org/ecoprint>. Acesso em: 22 out. 2021.

GUICHON, Nara. **O ecoprint e quais suas principais vantagens**. Naraguichon.org, 2021. Disponível em: <https://www.naraguichon.org/post/o-que-%C3%A9-o-ecoprint-e-quais-suas-principais-vantagens>. Acesso em: 07 set. 2021.

GUICHON, Nara. **O que é o Ecoprint e quais suas principais vantagens**. Nara Guichon Textil, 2020. Disponível em: < <https://naraguichontextil.wordpress.com/2020/11/23/o-que-e-o-ecoprint-e-quais-suas-principais-vantagens/> > Acesso em: 12 de outubro de 2021.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade**. São Paulo: WMF, Martins Fontes, 2017.

KAIOWÁ, Izaque João. As plantas ouvem a nossa voz: cantos e cuidados rituais kaiowá. *In*: OLIVEIRA, Joana Cabral de. **Vozes vegetais: diversidades, resistências e histórias da floresta**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

MANCUSO, Stéfano. **Revolução das plantas: um novo modelo para o futuro**. São Paulo. Ubu Editora, 2019.

MARIOTTI, Humberto. **Autopoiese, cultura e sociedade**. Universidade Federal da Paraíba, 1999. Disponível em: <<http://www.dbm.ufpb.br/~marques/Artigos/Autopoiese.pdf>> Acesso em: 02 nov. 2021.

MAUS, Lilian. **Pierre Fatumbi Verger Oju Obá e o Jardim dos Orixás**. Histórias e Práticas Artísticas, UFRGS, 2020. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/historiasepraticasartisticas/2020/07/13/pierre-fatumbi-verger-aju-oba-e-o-jardim-dos-orixas-profa-dra-lilian-maus/>>. Acesso em: 02 nov. 2021.

MAUS, Lilian; TOMASINI, Sergio Luiz Valente. **Do jardim à paisagem (e vice-versa)**. N62 - O silêncio entre vozes em diálogo. Nós, Congresso Internacional e Estudos da Paisagem, junho de 2021.

MELLO, Dilma; MURPHY, Shaun; CLANDININ, D. Jean. **Introduzindo a investigação narrativa nos contextos de nossas vidas: uma conversa sobre nosso trabalho como investigadores narrativos**. Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica, Salvador, v. 01, n. 03, p. 565-583, set./dez. 2016

MEURA, Ana Paula. **Relação entre o ensino formal e o ensino não formal: reflexões sobre o Projeto Educativo da Fundação Vera Chaves Barcellos**. Trabalho de conclusão de curso apresentado à Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Curso de Licenciatura em Artes Visuais, 2011.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. Petrópolis: Vozes, 2014.

PEIXOTO, Lanna Beatriz Lima; LIMA, Luana Beatriz. Dentre mulheres, plantas e imagens: uma experiência arte-etnográfica. **Cadernos de Arte e Antropologia**, v. 8, n. 2, p. 36-43, 2019.

PÍNKOLA, Clarissa Estés. **A ciranda das mulheres sábias**: ser jovem enquanto velha e velha enquanto jovem. São Paulo: Rocco, 2007.

SALVIA, Vinci Codex Atlanticus. Wikimedia Commons, 2018. Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Salvia_Vinci_Codex_Atlanticus.jpg>. Acesso em: 18 ago. 2021.

SANTOS, Carolina Bittencourt de Souza dos. **Impressão botânica em têxteis**. Americana, 2018. 58 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Tecnologia em Produção Têxtil) – Faculdade de Tecnologia de Americana, Americana, 2018.

SANTOS, Creuza Ferreira dos; ARAÚJO, Juvenira Ferreira de; ARAÚJO, Marli Gonçalves; ALMEIDA, Valdeir Marcos. Plantas medicinais e processos de cura Xakriabá. Núcleo de Pesquisas Literaterras, UFMG. Fev. 2014. Disponível em: <https://issuu.com/casaparaaisopolis/docs/plantasmedicinais_catalogo>. Acesso em: 22 out. 2021.

SEEGER, Natalia. Águas turvas, antropologia artesanal mais que humana e o saber-fazer artístico como um método de deslocamento do olhar. **Revista Ilha**, Florianópolis, v. 23, n. 1, p. 97-126, 2021.

SEEGER, Natalia. **Redes, malhas e mãos**: o processo artesanal da rede de pesca do mar ao ateliê. Florianópolis, 2018. 122 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Antropologia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

TORRES, Anabel. Breve história da impressão botânica. Disponível em: <https://www.domestika.org/pt/blog/4979-breve-historia-da-impressao-botanica>. Acesso em: 07 set. 2021.

VERGER, Pierre. **Ewé: o uso das plantas na sociedade lorubá**. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

WIKIMEDIA COMMONS. Coleção de 87.000 imagens de livre utilização. 2022. Disponível em: < https://commons.wikimedia.org/wiki/Main_Page> Acesso em: 07 set. 2021.

WOHLLEBEN, Peter. **A vida secreta das árvores**: O que elas sentem e como se comunicam - As descobertas de um mundo oculto. São Paulo: Editora Sextante, 2017.

YOKOTE. Alice. **Ecoprint no papel**, 2020. 1 vídeo (15 s). Publicado no canal Alice Yokote. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YsGxZwC2xzk&t=2s>. Acesso em: 19 ago. 2021.

ZATTA, Maria. **A farmácia da natureza**. São Paulo: Paulinas, 2012.